UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PAULA FRANCIULLI

O percurso do pensamento de Rudolf Steiner e seu possível lugar no espaço psicológico

São Paulo

2015

PAULA FRANCIULLI

O percurso do pensamento de Rudolf Steiner e seu possível lugar no espaço psicológico

(versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção de título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Experimental

Orientadora: Profa. Associada Lívia Mathias Simão

São Paulo

2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Franciulli, Paula.

O percurso do pensamento de Rudolf Steiner e seu possível lugar no espaço psicológico / Paula Franciulli; orientadora Lívia Mathias Simão. -- São Paulo, 2015.
86 f.
Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicologia e filosofia 2. Steiner, Rudolf Joseph Lorenz, 1861-1925 3. Construção de conhecimento 4. Construtivismo semiótico-cultural 5. Subjetividade I. Título.

BF41

Nome: Franciulli, Paula
Título: O percurso do pensamento de Rudolf Steiner e seu possível lugar no espaço psicológico

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Aos meus pais, José Maria Franciulli e Antonieta Laurito Franciulli, que me deram a vida e permitiram-me atuar nela com liberdade.

Agradecimentos

Aos amigos irmãos, Ana Paula Souza da Fonseca, Aline Luciano e Laerte Ruiz, que tanto me apoiaram na realização desta pesquisa e entenderam com amor, meu distanciamento em diversas ocasiões.

Aos colegas de profissão que, de tempos em tempos, perguntavam sobre o andamento da pesquisa e foram indispensáveis no meu percurso. Em especial aos amigos Moacyr Mendes de Morais, Solange Castilho e Claudia Carvalho.

Ao amigo João Felipe Toni, que mesmo de longe, acompanhou algumas fases da minha pesquisa. Obrigada pelas nossas conversas sobre Steiner e Goethe.

A Sônia Regina Fazzi Banhara, por escutar calmamente minhas ideias sobre a pesquisa e também minhas particularidades, em momentos de conflito e paz, procurando me devolver a ordem e o discernimento.

A Lívia Mathias Simão, minha orientadora que aceitou minha proposta de mestrado, incentivou-me à reflexão e, soube delicadamente lidar com minhas dificuldades familiares, enfrentadas no momento final do meu mestrado.

Ao companheiro Wassili Kafiwas, que tem se mostrado tão presente na minha vida, em um momento tão raro, obrigada!

A minha irmã, Ida Maria Franciulli, por entender que eu precisava trabalhar no texto, mesmo sem compreender exatamente o que era.

Aos colegas do laboratório de Interação Verbal e Construção do Conhecimento da USP, que me ajudaram a manter o ânimo e otimismo durante todo o desenvolvimento da pesquisa.

À Sônia Maria Caetano de Souza, secretária do departamento de Psicologia Experimental da USP, pela disponibilidade e orientação com as questões burocráticas durante todo o período de pós-graduação.

A CAPES pela concessão da bolsa de mestrado e apoio financeiro para a realização da presente pesquisa.

Resumo

Franciulli, P. *O percurso do pensamento de Rudolf Steiner e seu possível lugar no espaço psicológico.* 86f. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

A psicologia é uma atividade cultural humana de construção do conhecimento (Simão, 2004) e, assim sendo, sabemos da importância de estudar os aspectos históricos e filosóficos que envolvem sua construção. Acompanhamos, portanto, o seu "fazer-se ciência", nos colocando diante de uma psicologia que se contextualiza em uma teia de teorias ora conexas ora desconexas, segundo critérios de cientificidade. Esse espaço psicológico se sustenta em dinâmicas tanto de rupturas - devido à diversidade teórica que pode resultar em um campo de dispersão, conforme propõe Figueiredo (2012) - como de unificação da psicologia. Ciente da pluralidade teórica e metodológica existente na psicologia, vejo, portanto, a necessidade de refletir sobre as escolhas do psicólogo por certas correntes, que, como veremos nesta pesquisa, estão intimamente relacionadas às suas experiências cognitiva-emocionais. A proposta neste trabalho foi analisar as bases do pensamento do filósofo Rudolf Steiner (1861-1925), - criador de uma proposta filosófica, a antroposofia, que trata de temas centrais abordados pela psicologia. Para isso, buscou-se a interlocução entre alguns aspectos histórico-culturais da própria construção de conhecimento desse pensador e o fazer da psicologia, procurando situar o espaço ocupado por Steiner dentro daquilo que se compreende como espaço psicológico, segundo Figueiredo (2007). Foram analisados os relatos autobiográficos de Steiner, chamados nesta pesquisa de experiências cognitivo-emocionais, e como tais aspectos podem ter modulado o percurso do seu pensamento. Entre essas experiências está seu diálogo muito próximo com as ideias do poeta e romancista J.W. Goethe, que também recebeu destaque nesta pesquisa, visto que há um interesse na retomada ao pensamento goethiano na atualidade, principalmente no que toca a importância da intuição no desenvolvimento do ser humano. O processo desta pesquisa requereu movimentos de aproximação e distanciamento – em especial em relação ao envolvimento da autora com seu objeto de pesquisa (os pensamentos de Steiner), para que se atingisse uma melhor compreensão dos aspectos envolvidos tanto na configuração do psicológico (no sentido de Figueiredo, 2007) como no percurso de Steiner. Tal análise proporcionou à pesquisadora um aprofundamento a respeito de alguns aspectos relativos à escolha por certas correntes de pensamento em psicologia - neste caso, às matrizes compreensivas de inspiração românticas e pós-românticas - e, que são reflexos das experiências histórico-culturais do profissional, orientando-o no espaço contemporâneo tanto para sua prática em consultório como em pesquisa.

Palavras-chave: Psicologia e filosofia**.** Steiner, Rudolf. Construção de Conhecimento. Construtivismo Semiótico-Cultural. Subjetividade.

Abstract

Franciulli, P**.** *The path of Rudolf Steiner´s thought and its possible place in the field of psychology*. 86p. Master degree thesis — Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo.

Psychology is a human activity of knowledge construction (Simão, 2004) and saying that we become aware of how important it is to study the historical and philosophical aspects which permeate its construction. We follow thus, its self-making process, putting ourselves before a psychology which contains a variety of theories either connected or disconnected to it regarding to scientific criteria This psychological dimension holds itself in a dynamic of ruptures — which Figueiredo (2012) calls as *dispersion field* — or sometimes even into the idea of the unifying psychology. Knowing that theoretical and methodological plurality I see the necessity for a deeper thinking regarding the psychologist´s choice or empathy towards a certain theory or stream. I believe that such choices are intrinsically connected to his or her cognitive-emotional experiences through life. The proposal of this work was to analyze the fundamental thoughts of Rudolf Steiner (1861-1925), who was the founder of anthroposophy — philosophy which deals with some core themes of psychology. A dialogue was sought between some historical-cultural aspects which involved his own path of knowledge construction and the psychology-making. The proposal of this work was to make an attempt to place Steiner´s thoughts into the so called 'psychology space' according to Figueiredo (2007). Steiner´s self- reported episodes were analyzed from his autobiography — which I referred here as cognitive-emotional experiences — and how those aspects may have shaped his way of thinking. One of those aspects is his very close dialogue with J. W. Goethe´s ideas which also deserved prominence in this research. Nowadays there is a new light upon Goethe´s thinking, mainly in regards to his conception of intuition, so, that is why psychology is also interested and concerned with how intuition can influence human development. Perhaps this will be the contemporaneity of this paper. It was required approximation and distancing movements from the researcher in special to her previous knowledge about Steiner, and in doing so, it has given her a better comprehension about both: psychology construction and Steiner path. As a result, there was a better understanding on how the process of making choice takes place when a psychologist decides on one or the other stream to conduct his professional approach, noticing that there are historical-cultural aspects which lead the psychologists to choose, guiding them either to counseling practice or in the research field.

Keywords: Psychology and philosophy. Steiner, Rudolf. Knowledge Construction. Semiotic-cultural constructivism. Subjectivity.

Sumário

1 Introdução..... 11

1.1 Interação da autora com o tema da esquisa.....11

1.2 A elaboração do tema: as bases do pensamento steineriano e a história e filosofia da psicologia - a formação do espaço psicológico 13

1.3 O período vivido por Steiner abordado nesta pesquisa 18

2 Objetivos, métodos e instrumentos de análise..... 20

2.1 Objetivo geral 20

2.2 Métodos e instrumentos de análise... 21

3 O espaço psicológico 23

3.1 O espaço psicológico como um espaço de subjetivação..... 25

3.2 A formação do espaço psicológico..... 26

3.2.1 Bentham, Stuart Mill e Wagner: representantes das ideias que sustentam a formação do espaço psicológico..... 30

3.3 Reflexões iniciais sobre o modelo proposto por Figueiredo (2007) e meu objeto de estudo.....31

4 As experiências de subjetivação em Rudolf Steiner: aspectos cognitivo-emocionais presentes no período de 1861 a 1897 35

4.1 Interações Steiner-outro(s)/mundo(s).....36

4.1.1 Os processos da natureza na infância de Steiner: o mundo cognoscível e o incognoscível..... 37

4.1.2 Apreensão cognitiva-emocional da geometria, matemática, física e artes - possibilidades de relações com a noção do pensar, mais tarde sugerida por Steiner..... 40

4.1.3 O lugar do sagrado na busca de compreensão sensível da natureza..... 46

4.1.4 Primeiros contatos com a história, literatura, linguística e filosofia: da escola técnica ao ingresso na Academia Politécnica..... 49

4.1.5 Aprofundamento filosófico e suas primeiras teorias na Poltécnica em Viena.....52

4.2 As impressões mais profundas sobre Goethe, por intermédio de Karl Julius Schröer e tensões na relação mestre-pupilo..... 54

5 Linhas gerais sobre os aspectos científicos (cosmovisão) de Goethe, na perspectiva de Steiner..... 61

5.1 Cosmovisão goethe-schileriana, segundo Steiner..... 61

5.1.1 Cosmovisão goethiana por Steiner: conceitos apreendidos sobre natureza, noção de tipo e metamorfose..... 63

5.2 Relação afetiva-cognitiva Steiner-Goethe – uma busca de consistência 67

6 Articulações sobre o possível posicionamento histórico-cultural de Steiner no espaço psicológico..... 70

6.1 Alguns aspectos autobiográficos no tocante à relação Steiner cultura..... 70

6.2 Steiner, na formação do espaço psicológigo..... 74

7 Considerações finais - direcionamento futuro..... 80

A relevância de Goethe na atualidade, sugestões para um aprofundamento futuro.....80

Referências..... 83

Introdução

1.1 Interação da autora com o tema da pesquisa

Meu interesse sobre a obra de Rudolf Steiner (1861-1925) ocorreu primeiramente pelas noções de antroposofia[1] sobre as quais tomei conhecimento, a partir de 2003, participando de grupos de estudos e discussões sobre a mesma. Sendo Steiner, o fundador dessa disciplina[2] antroposófica — pouco a pouco fui aprofundando meus estudos sobre suas ideias. Dentre os muitos aspectos aos quais me cativaram à disciplina antroposófica estão, de forma bem sucinta, aqueles referentes ao conhecimento do ser humano e o seu respectivo desenvolvimento, temas que amplamente são contemplados no estudo de psicologia. Creio que, por ser psicóloga, e, mesmo sem exercer a prática em consultório naquela ocasião, surgiu interesse e expectativa — ainda preliminar — em atuar na clínica psicoterápica sob uma orientação que pudesse abordar os conceitos até então compreendidos da antroposofia.

Um fato marcante ocorreu-me quando, fazendo um intercâmbio na Europa em 2005, resolvi me candidatar a uma bolsa de estudos no Goetheanum, sede da antroposofia, em Dornach, na Suíça. Fiz a formação, denominada *"Estudos Antroposóficos em Inglês",* durante nove meses, e pude tomar mais contato com aquela disciplina. A experiência aprofundou o conhecimento elementar iniciado no Brasil, além de me vincular empaticamente à visão antroposófica. Ao regressar ao Brasil, a questão sempre presente era "como será possível estabelecer um diálogo entre a antroposofia e a psicologia?".

Com essa pergunta, encontrei psicólogos que, interessados em antroposofia, também estudavam a respeito. Soube então que já existia um grupo de profissionais em São Paulo, finalizando uma formação em antroposofia em 2007, pela Associação Sophia de Educação Antroposófica. Tratava-se de um curso livre de especialização, em módulos, e pude participar do último. Fora ministrado pelo casal Adrianus e Henriette Dekkers, psicólogos holandeses responsáveis pelo departamento de psicoterapia da seção médica do Goetheanum, na Suíça. Assim, iniciei minha busca na direção àquela questão sobre o diálogo entre a antroposofia e a psicologia. Tal processo de busca, consequentemente, me levou em 2009, ao curso de pós-

---

1 Antroposofia pode ser caracterizada brevemente como um método de conhecimento do ser humano e do universo fundada pelo filósofo austríaco Rodulf Steiner por volta de 1914. A palavra vem do grego *antropós* (homem) e *sophia* (conhecimento).

2 Chamo provisoriamente a antroposofia de disciplina. R. Steiner denomina a antroposofia como Ciência Espiritual em diversas obras/palestras. No desenvolver de meu texto, chamarei-a de epistemologia.

graduação (*lato sensu*), em Psicologia Clínica e Antroposofia, na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo – finalizado em 2011. Meu trabalho de conclusão de curso (TCC) tratou o tema do autoconhecimento e autodesenvolvimento do psicoterapeuta segundo a antroposofia. Para falar sobre autoconhecimento, tomei como ponto de partida a filosofia grega e algumas correntes da psicologia, buscando convergências entre elas e a antroposofia. Desse modo, se fez necessário trazer os fundamentos básicos da antroposofia, algumas concepções teóricas, assim como as pressuposições daquilo que envolveria a questão do autoconhecimento e autodesenvolvimento do psicoterapeuta. A hipótese norteadora do estudo era a de que o psicoterapeuta, estando mais preparado emocionalmente (que vivenciasse o processo de autoconhecimento e autodesenvolvimento), tornar-se-ia mais habilitado para compartilhar e frutificar seus saberes com o outro (no caso, o paciente).

Conforme realizava meu TCC, percebia claramente a necessidade de um aprofundamento teórico que abordasse principalmente as questões de base filosóficas, epistemológicas ou ideias germinais de Rudolf Steiner, para dar continuidade às minhas pesquisas. Essa meta foi visualizada, portanto, no mestrado. Considero esse TCC como o ponto de partida para o meu reingresso na área acadêmica, assim como o primeiro momento em que pude discorrer sobre antroposofia, no formato exigido para um trabalho acadêmico.

Ao caminhar em direção a um aprofundamento acadêmico, encontrei no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) a disciplina em pós-graduação intitulada: "Ensaios Dialógicos: compartilhamento e diferença nas relações eu-outro", ministrada pela professora Lívia Mathias Simão. O foco de meu interesse nessa disciplina fora em virtude da possibilidade de estudar a complexidade das relações eu-outro (Simão, 2010), sendo que primeiramente me concentrei na ideia de estudar a relação paciente-psicoterapeuta.

Assim, candidatei-me como aluna especial e, ao ser aceita, comecei a frequentar as aulas no primeiro semestre de 2011. À medida que penetrávamos nas "unidades temáticas" propostas na disciplina, pude notar, de forma bem geral, muitas semelhanças e/ou possibilidade de diálogo entre as proposições do pensamento de Rudolf Steiner e alguns autores centrais do construtivismo semiótico-cultural em psicologia[3] (CSC) — a perspectiva norteadora daquela disciplina. Essa perspectiva tem como foco o processo do desenvolvimento simbólico individual, com base na compreensão do papel das interações eu-

3 Perspectiva teórico-metodológica em psicologia, embasada em proposições de Lev Vigotski, Mikhail Baktin, George Mead, Pierre Janet, Jean Piaget, James Baldwin, Kurt Lewin, Heinz Werner e Willian James (Simão 2004a; 2010). Essa perspectiva foi o tema central da disciplina cursada: "Ensaios dialógicos...".

outro, e como essas ocorrem e formam o espaço cultural, permitindo a construção e transformação da relação sujeito-mundo.

Dois autores do CSC se destacaram no momento da elaboração do projeto de ingresso no mestrado: Ernest Boesch em sua Teoria da Ação Simbólica, no que diz respeito aos conceitos de a) potencial de ação, b) Eu acional (o sujeito ativo simbolicamente) e c) da importância do outro nas tentativas que o sujeito realiza, a fim de otimizar seu potencial de ação[4]; e Jaan Valsiner, quando se refere à noção de tensão nas interações eu-outro e as possibilidades de transformação e desenvolvimento do sujeito e de sua cultura. Posteriormente, ao iniciar a pesquisa, outros autores entraram em diálogo assim como seus respectivos conceitos, dando desdobramento ao início da pesquisa propriamente dita.

1.2 A elaboração do tema de pesquisa: as bases do pensamento steineriano e a história e filosofia da psicologia — a formação do espaço psicológico

No início do mestrado, em março 2012, o tema original que tinha como objetivo estudar a relação paciente-psicoterapeuta no tocante aos aspectos abordados na referida disciplina "Ensaios dialógicos...", transformou-se na possibilidade de diálogo entre os pensamentos e ideias precursoras de Rudolf Steiner, antes do advento da antroposofia, e alguns pressupostos teóricos do construtivismo semiótico-cultural em psicologia (CSC). Partindo da ideia/hipótese de que a gênese da proposta teórica de Steiner tenha se formado a partir de suas vivências/experiências, a intenção era tomar preponderantemente a sua autobiografia, fazendo uma interlocução com autores do CSC (em especial, noções de Ernst Boesch e Jaan Valsiner). Essa foi, portanto, a proposta para o exame de qualificação, realizado em dezembro de 2013.

A primeira etapa para o desenvolvimento da pesquisa seria contextualizar as raízes filosóficas de Rudolf Steiner e sua teoria do conhecimento, que deu origem à antroposofia,

---

4 Potencial de ação é para Boesch um termo usado para designar àqueles objetivos mais abrangentes que conduzem, controlam, ou regulam ações específicas. Há, portanto, um objetivo principal entre todos os objetivos, podendo ser chamado de "motivação básica". Já o conceito 'otimizar o potencial de ação' é definido como um fortalecimento, um reforço ou um aumento da prontidão e capacidade do indivíduo para agir em direção aos objetivos abrangentes. (Boesch, 1991 p.105).

para posteriormente se estabelecer ou propor um diálogo com os respectivos autores do CSC. Aqui surge o fio norteador e também transformador do tema de trabalho, e à medida que focava nesse primeiro tópico da pesquisa, ele se desdobrava em um universo de informações que exigiram atenção especial, em razão do grau de complexidade dos aspectos afetivos e cognitivos envolvidos na obra de Steiner, tais como foram por mim compreendidos e interpretados.

As alterações do projeto de pesquisa, isto é, o projeto inicial, se configurou em outro título, outro tema, e assim sucessivamente, até que o atual tenha sido decidido. Conforme me deixei afetar pelas leituras e estudos dos autores principais do construtivismo semiótico-cultural, interpreto ter havido um "sair de mim" (mundo intrasubjetivo), visto que anteriormente estava absorvida pelos conceitos relacionados ao meu objeto de pesquisa, a antroposofia de Rudolf Steiner. Esse movimento de "sair" propiciou-me uma interação, um compartilhamento com os conceitos do construtivismo semiótico-cultural em psicologia.

Como aponta Simão (2004a; 2010), a construção do conhecimento se dá através de interações dialógicas entre o eu-outro-mundo, interações que se desenvolvem principalmente de experiências inquietantes, onde, aquilo que incomoda, instiga o sujeito, atua como uma alteridade para ele. Esse processo é fundamental para o desenvolvimento da subjetividade nas relações eu-outro-mundo e consequentemente na reconstrução de significados. Já Valsiner (1998), ao falar da interação eu-outro, diz que pode haver o compartilhar de significados oriundo de um processo primeiramente de confronto de conceitos, entre as pessoas e culturas envolvidas, e após esse confronto, são reconstruídos novos significados. Esses processos de confronto são, portanto, geradores de tensão.

Assim, vejo que, cada passagem, ou mudança de título desta pesquisa, foi permeada de tensões, inquietações, mas também por acordos (Simão, 2010), mesmo que temporários, para que se definisse um novo caminho a seguir.

Diante dessa dinâmica tensional, percebo um movimento de reconstrução do meu objeto de estudo: a obra inicial de Rudolf Steiner. Digo reconstrução porque nesta pesquisa me dirijo às bases filosóficas, aos primórdios do pensamento desse autor, suas decisões e reflexões germinais; sendo assim, o reconstruir (ou desconstruir) o objeto de estudo requer uma abertura para o novo, para o desconhecido. Embora já bastante familiarizada com as ideias de Steiner, bem como com seus conceitos e definições, foi necessário colocá-los na retaguarda, como tentativa de acompanhar a construção dos seus pensamentos naquilo que fora germinal.

Assim, recordo como "fui escolhida e escolhi", a antroposofia, usando o termo de Figueiredo (2004), como que "fisgada" pelos seus vários braços, conceitos, teorias, hipóteses — atraída e identificada por motivos que poderão estar muito além dos racionais. Essa opção certamente está vinculada ao processo de afetar-se e o deixar-se ser afetado[5] (Simão 2010) e também ao fenômeno da empatia, como central na relação eu-outro[6]. Neste trabalho, entre eu como pesquisadora, Steiner e consequentemente com a antroposofia

Utilizando o conceito de Boesch (1991) de que para se desenvolver a empatia nas relações humanas o sujeito precisaria vivenciar os processos de objetivação e de subjetivação do outro, posso perceber esse movimento (objetivação – subjetivação) em relação ao meu envolvimento com o objeto de pesquisa, por assim dizer, Rudolf Steiner. Entende-se por objetivação o processo que envolve as percepções sistematizadas a respeito do outro, à medida que se observa as ações e suas situações de vida, seja naquilo que nos pareça similar ou diferente. O segundo processo, o de subjetivação, ocorre quando vivenciamos internamente nossa relação com aquilo que pensamos ser a identidade objetiva do outro, que assim adquire outras conotações para nós. Ocorreu assim, um distanciamento do outro (Steiner), um "olhar de fora", e também um movimento de aproximação a ele. Ao fazer esses movimentos, selecionei para este trabalho, as experiências cognitivo-emocionais vividas por ele, segundo seus relatos autobiográficos. Sugiro, assim, que tais experiências podem tê-lo influenciado na elaboração da teoria do conhecimento ainda por vir, isto é, como aspectos precursores de sua obra.

Ciente da complexidade dos aspectos abordados pelos autores do CSC em psicologia e a amplitude do tema principal – aspectos precursores do pensamento de Rudolf Steiner, além de considerar o que se espera de uma pesquisa de mestrado, tornou-se necessário a seleção de um aspecto central, para evitar a dispersão da pesquisa em inúmeros assuntos que foram ilustrando o teor complexo do tema. Tais assuntos foram afastados e "guardados" para outro momento. Houve, portanto, a escolha do tema final que, para mim, poderá guiar as propostas de diálogos futuros com os autores do CSC em psicologia.

Embora não traga diretamente neste trabalho as propostas de diálogos com pensadores do CSC em psicologia, meu modo de construir o pensamento já está permeado

---

5 Os processos de "afetar-se e o deixar-se ser afetado" são proposições do Construtivismo Semiótico Cultural, trazidos por Simão (2010). *Afetar-se* estaria intrinsicamente relacionado a processos emocionais e subjetivos que envolvem nossas escolhas e interesses.

6 Entende-se aqui como relação "eu-outro" no sentido trazido por Simão (2010), e que compreende o estudo da diologicidade das interações verbais entre as pessoas. Sendo esta relação dialógica (relação eu-outro), os seus elementos não são apenas as pessoas envolvidas mas também a própria relação entre elas (Simão, 2004b).

dessas noções. Alguns autores estão presentes, nas devidas citações, como futuros ramos de pesquisas a serem investigados; já outros, aparecem de forma implícita, pois como pesquisadora na área do CSC e estudando as ideias de seus autores, vejo que incorporei certas noções no meu modo de pensar, isto é, subjetivei-os.

Assim, ao retornar às bases do pensamento steineriano, decidi propor um ensaio a fim de se estabelecer um diálogo com os aspectos histórico-filosóficos da própria construção do conhecimento em psicologia. Essa interlocução surgiu ao longo da minha participação como monitora (em 2014) da disciplina História e Filosofia da Psicologia, pertencente à linha de pesquisa: Problemas Teóricos da Psicologia (do programa no qual estou matriculada- Psicologia Experimental- do Instituto de Psicologia IPUSP). Tal atividade trouxe além da experiência de estagiar nas funções de um docente, a oportunidade de aprofundar nos aspectos que norteiam o surgimento da psicologia como ciência.

Ao estudar a história e filosofia da psicologia podemos compreender a construção do conhecimento, bem como as raízes formadoras do campo psicológico diversificado que deu origem às várias correntes teóricas e metodológicas em psicologia. Desse modo, considero importante nos debruçarmos diante dos aspectos históricos e culturais que colaboraram para construir temas e questões, fazendo da psicologia campo de saber.

Conforme propõe Figueiredo (2011), o *espaço psicológico* se configurou muito antes de a psicologia ter adquirido seu status de ciência — isto é, se atribuímos o caráter psicológico a tudo o que for pertinente ao pensamento reflexivo do homem sobre sua subjetividade privatizada. Deste modo, a psicologia é vista como uma atividade humana (Simão, 2004b) que vem historicamente se constituindo como ciência e também se transformando em seu processo de construção de saberes. Entretanto, o fazer psicologia se contextualiza em uma teia de teorias ora conexas, ora desconexas, que resultam em um campo de dispersão (Figueiredo, 2012) e divergências entre seus conceitos, surgindo correntes, crenças e métodos que não dialogam entre si, mas também não estão totalmente desconectados.

O que vemos é que não há um sistema único, coeso, que caminhe para uma meta em comum, ou seja, em que uma única psicologia seja definida epistêmica e metodologicamente. Muitos autores debateram, e ainda trazem para discussão, os aspectos conflituosos que giram em torno do fazer psicologia uma ciência única. A crise referente à unicidade ou não da psicologia já percorria o tempo vivido por Vigotski (1934/2010). Ao falar da crise que a psicologia enfrentava em sua época, ao se consolidar como uma ciência, ele defendia a ideia de que as raízes dessa problemática estariam vinculadas à história da psicologia e seus

fundamentos metodológicos, que exprimem a ambiguidade entre o materialismo e o idealismo. Vigotski (1934/2010) afirma que essa ambiguidade seria o motivo do surgimento de várias teorias psicológicas, e que, ao contrário de acumular conhecimento para uma única visão, resultam naquilo que, mais contemporaneamente Figueiredo (2012) chama de "microcomunidades relativamente independentes", portadoras de suas respectivas crenças e métodos.

Fazendo essa breve introdução conceitual sobre o campo de dispersão da psicologia, considero importante identificar e reorientar minha localização nesse espaço psicológico, como profissional da área. Desde minha graduação em psicologia, concluída em 1998, venho percorrendo uma orientação teórica relacionada às teorias humanistas do pensamento psicológico, ou melhor, no sentido de matrizes, como colocado por Figueiredo (2007; 2012), estabeleço uma conexão entre minhas inclinações e as matrizes por ele chamadas de compreensivas; mais especificamente com aquelas de inspiração romântica e pós-romântica, que envolvem desde o aspecto subjetivista do pensamento Iluminista (idealismo alemão) e vão em direção ao historicismo idiográfico em psicologia, conforme discutem Salvatore e Valsiner (2008) e Simão (2009).

Da mesma maneira, pretendo situar o espaço ocupado por Steiner, na formação do campo psicológico – com base no sentido de *espaço psicológico* explorado por Figueiredo (2008; 2011) – visto que o espaço e tempo vivido por Steiner apresentam contemporaneidade aos pensadores que tanto fundamentaram o surgimento da psicologia.

Busco, assim, na experiência acadêmica do mestrado, subsídios para possíveis desdobramentos de pesquisas na área de história e filosofia da psicologia, no que tange à formação do espaço/campo do que hoje compreendemos por conhecimento psicológico. Creio que o processo de formação em pesquisa bem como a formação do pesquisador, devam ampliar os conceitos teóricos dentro da área e contribuir com os debates de cunho histórico e filosófico que interpelam o fazer da psicologia, desde sua origem e até os dias atuais.

No que toca ao psicólogo clínico, vejo também que este trabalho possa explorar alguns aspectos relativos à escolha por certas correntes, crenças, ideias e pensamentos que são reflexo de experiências histórico-culturais vividas pelo profissional e que o orientam no espaço contemporâneo, norteando sua prática em consultório.

Desse modo, por meio da reflexão, poderei compreender e "experienciar" outras visões e reconstruir as minhas, ao deparar-me com a diversidade e problemática (no sentido de *tensões*, trazido por Valsiner) oriundas do tema deste texto. Acredito, dessa forma, vir a

fazer parte de um processo de compreensão daquilo que foi e ainda é a construção do saber em psicologia.

Além disso, espero que este trabalho possa dirigir um olhar à psicologia de orientação antroposófica[7] no meio acadêmico, alavancando novas pesquisas e contribuindo para a ampliação dos conceitos que se referem aos problemas teóricos e metodológicos da psicologia.

Deste modo, tendo encontrado na perspectiva do construtivismo semiótico-cultural em psicologia uma possibilidade de interlocução para a realização desta reflexão, também aspiro colaborar com o diálogo interdisciplinar com essa área.

Para finalizar esta introdução, trago o conceito colocado por Figueiredo (2004) referente às armadilhas do dogmatismo e ecletismo, e destaco que, justamente para evitá-las, procurarei não me "trancar" em minhas crenças e simpatias – visto minha empatia em relação à antroposofia, que sem dúvida me guiou no desenvolvimento desta pesquisa — como não repudiarei tudo aquilo que possa divergir delas, caindo no dogmatismo. Do mesmo modo, cuidarei para não adotar uma postura descompromissada do objetivo científico, aceitando várias ideias, aglutinando conceitos, caindo no ecletismo.

1.3 O período vivido por Steiner abordado nesta pesquisa

Por meio de um exame bibliográfico da vida de Rudolf Steiner, no período que envolve sua formação intelectual (fase escolar e acadêmica), que antecede a criação da antroposofia, pretendo propor e explicitar minha compreensão sobre as ideias e pensamentos, isto é, aspectos afetivo-emocionais e cognitivo-racionais (Simão, 2010) que o "guiaram" e serviram de balizas (Valsiner, 1998) na construção pessoal de sua teoria do conhecimento. Para tanto, selecionei uma bibliografia pertinente à vida (principalmente a autobiografia) de Rudolf Steiner, abrangendo sua infância e juventude, ingresso na vida acadêmica e o período em que trabalhou nos arquivos de Goethe-Schiller, em Weimar, na Alemanha. O período

7 Foi fundada em junho de 2011 a Associação Brasileira de Psicólogos Antroposóficos (ABPA), juridicamente constituída, com a finalidade de fomentar a educação continuada dos profissionais associados e representar a psicologia de orientação antroposófica no meio acadêmico, profissional e institucional. Há outras informações no site: http://www.abpapsi.com.br/hotsite/noticias/.

selecionado para este trabalho vai de 1861 (seu nascimento) até o período de Weimar quando foi convidado a editar os escritos científicos de Goethe, sobre os quais trabalhou até 1897. Além de sua autobiografia, outros livros foram utilizados como fonte de referência, na tentativa de obter mais informações sobre sua vida nesse período, embora tenha mantido o cuidado de focar nos elementos trazidos pelo sujeito de pesquisa, isto é, na autobiografia de Steiner. Esta escolha se deu por minha crença que a interpretação e entendimento sobre sua vida devessem ser provenientes dele mesmo, como relata.

A razão da seleção desse período foi por considerá-lo a fase na qual Steiner produziu as obras fundamentais[8] que delineiam o percurso epistemológico para sua teoria do conhecimento, bem como o momento de maior aprofundamento nas obras científicas relativas a Johann Wolfgang Von Goethe (1749-1832). Após essa fase, aos 36 anos, o próprio Steiner relata em sua autobiografia ter sofrido abalos profundos em sua vida psíquica (anímica), que o levaram para caminhos diversificados e complexos que mereceriam (ao meu ver) outra pesquisa, por se tratar de um período que envolveu atividades pedagógicas, filosóficas, culturais e até políticas de Steiner (dentre as quais, atuou como professor em uma escola para trabalhadores em Berlim, inclinou-se ao esoterismo cristão, e foi secretário geral da sociedade teosófica em Berlim, posteriormente fundando a antroposofia).

8As obras fundamentais de Steiner para este período foram: A obra cientifica de Goethe, escrita em 1883; Método cognitivo de Goethe, escrita entre 1880 e 1890; Verdade e Ciência, (livro que resume sua tese de doutorado), escrita em 1892; A filosofia da liberdade, escrita em 1894.

2 Objetivos, métodos e instrumentos de análise

2.1 Objetivo geral

Sabendo que os conteúdos compartilhados (ou não) nas discussões teóricas e filosóficas inevitavelmente fazem parte do mundo contemporâneo, uma vez que nele são gerados, pretendo assumir um lugar no espaço diversificado psicológico, reposicionando-me e compreendendo os processos que me direcionam na escolha de determinada(s) corrente(s) /teoria(s) e não de outras.

Sendo a antroposofia intrinsicamente ligada ao tema do desenvolvimento humano, o qual é um dos temas centrais abordados pela psicologia, sempre pensei em sua coerência e possibilidade de diálogos entre ambas (psicologia e antroposofia). Diante da prática clínica e meus estudos em antroposofia, senti necessidade de compreender mais profundamente alguns dos aspectos históricos e culturais, presentes na vida de Rudolf Steiner, seu fundador.

Deste modo, procurarei delimitar o espaço que o tema desta pesquisa (por assim dizer, o pensamento steineriano) supostamente possa ocupar no campo psicológico diversificado, no sentido proposto por Figueiredo (2007), composto por tantos saberes, correntes e crenças e que assim se apresenta devido a fatores históricos e culturais, transformados por pessoas, comunidades e sociedades.

Para tal objetivo, os capítulos desta pesquisa encontram-se organizados conforme os tópicos abaixo, a fim de buscar:

- Refletir sobre a noção de espaço psicológico proposta por Figueiredo (2007);
- Trazer os pensamentos precursores de Rudolf Steiner que deram origem à sua epistemologia; buscando os aspectos cognitivo-afetivos envolvidos nesse processo; (no período vivido por ele, de 1861 a 1897);
- Identificar nos pensamentos precursores de Steiner a possibilidade de diálogo com a noção de formação do espaço psicológico, sugerida por Figueiredo (2007);
- Refletir sobre a relevância deste trabalho para a história e filosofia da psicologia, encontrando supostamente o lugar que o mesmo venha a ocupar em

nosso espaço contemporâneo psicológico, diante de suas várias correntes, sistemas, escolas ou linhas de pensamento, assim como compreender a minha posição como pesquisadora e psicóloga clínica.

2.2 Métodos e instrumentos de análise

Este trabalho compreende uma pesquisa teórica, qualitativa e histórica que se utiliza de revisão bibliográfica e análise crítico-comparativa.

Para posicionar o pensamento de Steiner no campo psicológico, tomarei como fio condutor, o pensamento trazido por Luis Claudio Figueiredo, no livro *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação 1500-1900*. Tal obra me guiará na construção do diálogo que proponho nesta pesquisa.

A autobiografia de Steiner, *Minha Vida*, será usada como instrumento para minha compreensão e interpretação de como se deram as interações entre Steiner e outros-culturais. Ao me referir a "outros-culturais", considero as personalidades que fizeram parte de sua trajetória, assim como os aspectos histórico-culturais presentes no período pesquisado da vida de Steiner. Esses dados serão abordados de forma que se procure evidenciar um movimento de criação e proposição de ideias, tocando a questão mais ampla da relação entre cultura pessoal e cultura coletiva (Valsiner, 1989; 1999). Além de sua autobiografia, me vali de outros comentadores da área e biógrafos.

Ao fazer essa leitura dos dados biográficos, busquei identificar aspectos que me pareceram muitos especiais para Steiner, durante o período analisado (1861-1897). Nesta seleção, estão momentos em que se fizeram presentes aspectos cognitivo-emocionais que, acredito, podem ter tido papel construtivo em suas ideias e proposições posteriores. Além de suas vivências pessoais de caráter intrapsíquico, trago também as interações Steiner-outro(s)/mundo(s), isto é, de caráter interpsíquico. Examinando a influência desses outro(s) /mundo(s) presentes de vida de Steiner, levantei suposições sobre o papel das relações eu-outro no percurso da gênese de sua obra.

Ao considerar que os aspectos cognitivo-emocionais são constructos que dizem respeito à subjetividade humana, e podem ser manifestos nas relações interpessoais e socioculturais, utilizei-me da perspectiva do CSC em psicologia, por esta ser uma perspectiva em psicologia que pesquisa as implicações dos processos intersubjetivos humanos no

desenvolvimento sociocultural (Simão, 2010). A escolha por essa perspectiva, portanto, pressupõe que seja uma ferramenta de compreensão e diálogo com o tema da pesquisa.

3 O espaço psicológico

Antes mesmo de trazer os pensamentos precursores de Steiner, bem como a proposta de diálogo com a noção de formação do espaço psicológico, iremos, neste capítulo, trazer a noção de espaço psicológico proposta por Figueiredo (2007). Sendo essa a abordagem de base da qual este diálogo partirá para seu desenvolvimento, faremos aqui uma revisão de seus principais conceitos.

Figueiredo (2007) defende a ideia de que o fazer psicologia, assim como o conhecemos hoje — mesmo sem ainda ter tal denominação — foi germinando por meio da articulação de eventos históricos que, em sua maior parte, ocorreram a partir do século XVI e continuam até os dias atuais. Sendo assim, o autor enfatiza a importância da compreensão de tais fatos que, de certa maneira, levaram ao surgimento dos projetos de psicologia como campo de saber.

O fazer da psicologia estaria intrinsecamente ligado ao que pensamos, fazemos e acreditamos; por consequência, suas teorias e métodos são gerados dentro de um espaço histórico-cultural que, como veremos, não foi e não é homogêneo ou linear (Figueiredo, 2004).

A definição dos fatores que possibilitaram a formação do espaço psicológico obrigatoriamente nos remete aos primórdios do pensamento humano, ou ainda, à origem da humanidade, por assim dizer, desde quando o homem como um ser pensante se posiciona, interfere, influencia, habita seu espaço geográfico e, concomitantemente, se relaciona com outros homens. Podemos considerar o período da Grécia Antiga como precursor do modo ocidental de pensar que até hoje perdura – modo de pensar que exerceu (e exerce) um papel esclarecedor para o homem na tentativa de resolver seus problemas, ou ainda funcionando como um estilo de reflexão às questões básicas, fundamentais de sua existência. Trazendo o pensamento de Ebbinghaus (1908), citado por Buxton (1985) e Goodwin (2005), de que a psicologia tem um longo passado e uma história curta, podemos considerar esse longo passado como aquele referido à Grécia Antiga. Entretanto, a expressão *história curta* da psicologia no qual os autores acima mencionam, seria como uma forma de datar o seu surgimento como ciência, no final do século XIX; portanto, muito recente se tratando de história.

Mas aqui neste trabalho, falaremos do sujeito moderno, e não do homem grego, pois a base teórica deste trabalho está na proposta de Figueiredo (2007) e o mesmo aponta como

sujeito moderno, o homem que habitava o ocidente no final do século XV, e este homem marcaria sua posição no pensamento científico. Partiremos deste período para chegarmos ao momento no qual a psicologia marca sua posição no pensamento científico. Este homem, segundo Figueiredo, alavanca um processo de subjetivação que dera origem à forma de pensar do homem moderno.

A psicologia, surgindo como ciência no século XIX, seguia as correntes de pensamento de cerne empírico, racionalista e positivistas tão em voga no pensamento científico da época. Importante salientar que os primeiros pensadores da psicologia foram homens formados pelas ciências naturais ou biológicas (de cerne empírico, racionalista ou positivista). Pensadores oriundos da medicina (Wundt, Pavlov, Freud), fisiologia (Watson, Thorndike, Titchener) e até mesmo da engenharia (E.G. Boring) são alguns exemplos de como o tecido da psicologia se constituiu gradualmente, para depois proclamar sua independência.

A própria psicologia caminhou e ainda caminha entre essas correntes filosóficas de cerne empírico, racionalista ou positivista, tomando como base teorias de fundamentação política e econômica, além de se valer de metodologias utilizadas pelas ciências naturais. Desta forma, justifica-se o estudo de tais ramos do pensamento científico, para auxiliar-nos na compreensão do surgimento desse universo caótico das várias correntes psicológicas.

A ideia é olhar para o conhecimento investigado na psicologia, aludindo que o mesmo foi e ainda é gerado em uma espécie de teia de pensamentos filosóficos que não devem ser unicamente demonstrados como um modelo cartesiano, com camadas de novas descobertas que anulam as teorias anteriores. Deste modo, não podemos deixar de atribuir valor ao modo empírico, racionalista ou positivista de se fazer ciência, pois, graças a tais formas de construir o conhecimento hoje usufruímos do conforto dos avanços tecnológicos, e ainda, no que se refere à medicina, não padecemos de certas epidemias, que foram erradicadas também por tais avanços.

A psicologia então é uma ciência *sui generis*, principalmente por não possuir uma definição unânime de como se deve construir o pensamento psicológico, por exemplo: sobre qual seria seu objeto de estudo (mente, comportamento, consciência, etc.), e ainda, se esse objeto seria observável e passível de investigação pelos métodos da ciência positivista, como as ciências naturais. Seu lugar como ciência permanece confuso e de difícil descrição, dentro de um universo onde prevalece a noção de que verdadeira ciência é aquela oriunda das abordagens nomotéticas. Embora algumas de suas matrizes de pensamento (no sentido de Figueiredo, 2007) se aproximem de teorias empíricas, racionais ou positivistas (como é o caso

do associacionismo, funcionalismo, estruturalismo e behaviorismo) a psicologia também ocupa um espaço subjetivo de interpretação, isto é, mais inclinada às abordagens idiográficas.

A discussão sobre a autonomia da psicologia enquanto ciência, assim como, as divergências sobre o seu objeto e métodos de estudo, são historicamente conhecidas desde sua fundação. Cabe rapidamente mencionar que há diferentes opiniões acerca do posicionamento da psicologia, ora no campo das ciências humanas ora das naturais. Tais temas são de contínuo debate até a atualidade. Esta pesquisa não entra nesse âmbito, mas transita no espaço de subjetivação em que o fazer da psicologia se desenvolve e que sem dúvida, pertence ao campo das ciências humanas.

3.1 O espaço psicológico como um espaço de subjetivação

Para iniciar a delimitação do campo psicológico, faremos um salto, entretanto, dos filósofos gregos ao "sujeito moderno", como Sueli Rolnik — no prefácio do livro de Figueiredo (2007) — se refere ao falar do homem que habita o mundo ocidental no final do século XV. É este homem que instaura o processo de subjetivação em um período previamente longínquo ao nascimento da psicologia como ciência (o momento que marca a transição do Renascimento para a Idade Moderna).

Embora o termo subjetivação tenha sido primeiramente citado neste trabalho conforme o conceito de Boesch (1991) para exemplificar a interação pesquisador-sujeito (explicado na página 15); neste capítulo, entenderemos por subjetivação, como colocado por Figueiredo (2011), o processo de reflexão individual, de *foro íntimo* (p.21) que ao longo dos séculos, o homem usou para criar referências internas sobre seus sentimentos, bem como sobre conceitos do que é certo e errado, desenvolvendo uma reflexão moral.

Este espaço psicológico como um espaço de subjetivação é referido por Figueiredo (2011) como constituído de experiências da subjetividade privatizada com as quais o homem convivera e atuara como sujeito ao longo dos séculos, e que determinaram a consciência de sua própria existência.

Fazendo uma reflexão sobre as chamadas experiências de subjetivação que se desdobraram do século XVI até o século XIX (fase de formação do sujeito moderno) e, considerando que este período histórico-cultural fora propício para o nascimento de uma das maiores crises da humanidade — o abalo sentido pelo homem com o surgimento da teoria

heliocêntrica, tirando sua soberania e unicidade -, Figueiredo (2007) traz figuras de representatividade coletiva, como artistas, escritores, filósofos e santos, e explora por meio delas, a formação do pensamento moderno. Deste modo, traz a reflexão sobre a formação daquilo que algumas correntes da psicologia encaram como objetos de estudo: o sujeito, o comportamento, a mente ou a consciência.

A seguir, apresentarei as principais ideias de Figueiredo (2007) sobre a formação do espaço psicológico, pelas quais me orientei na reflexão sobre o tema de minha pesquisa.

3.2 A formação do espaço psicológico

A partir no século XVI, as grandes navegações, a expansão do comércio e o encontro com novos povos (civilizações multifacetadas que exerciam fascínio e suscitavam curiosidade) trouxeram o alargamento das margens e proporcionaram ao homem daquela época a percepção de seu território como ilimitado. Por outro lado e ao mesmo tempo, tornara-se possível, a este homem, experimentar um amplo estado de insegurança, receio do desconhecido, que assim lhe era trazido com a miscigenação dos povos, seguido de um temor de que essa “mistura” poderia levar à dissolução de uma identidade que, antes de um período de descobertas, lhe parecia mais estável, única e duradora.

Essa condição dupla de ampliação (se pensarmos na noção de exploração) e retraimento (o temor) é apontada pelo autor como o início da configuração do espaço psicológico. A multiplicação das vozes, como consequência do contato com novas línguas, costumes e produtos vindos de outras regiões, acaba por confirmar a diversidade do mundo além-mar, abrindo as portas para novas formas de percepção. Foi através da experimentação, e também da imaginação, que se deu a classificação de novas espécies (plantas, animais), minerais, especiarias, objetos e até outros povos.

O homem renascentista presenciava uma efervescência de diferentes ideias e transformações que giravam em torno daquilo que se gestou na cultura popular da Idade Média, dos limites que eram superados entre o que era profano e o sagrado, bem como os da lucidez e da loucura. Outra característica nesse século foi o medo intenso do contágio — devido ao contato com uma nova realidade de povos em áreas desconhecidas -, a insegurança que o cruzamento das margens poderia causar (possibilidade de dissolução da Europa) e tudo o que pudesse afetar o que era estável, não somente sua identidade.

Talvez, um legado desse período, de extrema importância para a psicologia, seja o cultivo da memória, tanto individual como coletiva. O autor aponta que a atividade mental de memorizar seria uma necessidade existencial para se compreender os objetos da experiência, portadores de uma variedade que precisava ser entendida e preservada. Destacam-se aqui, no que toca o tema da memória, as obras autobiográficas, como instrumento de permanência das tradições familiares (textos redigidos por comerciantes na Itália) e o anseio pela continuidade e sentido das experiências individuais, que ora eram compostas de relatos de adoecimentos, ora de situações de mudanças de rumo na vida, chamadas por Figueiredo (2007 p. 40) de *experiências de conversão*. Esses relatos autobiográficos tinham a função de reconquistar imaginariamente a unidade da vida e a integridade do corpo. O destaque dado pelo autor são os escritos de Santa Tereza d'Ávila (1515-1582) e a relevância de sua forma retórica ao comunicar suas experiências conflituosas; e de Santo Ignácio de Loyola (1491-1556) como um jesuíta que, de certa forma, inaugurara um tipo de psicologia, um sistema de administração do psiquismo humano e aperfeiçoamento espiritual.

É pertinente falar aqui do papel dos jesuítas nas relações entre os povos, visto que eram designados à catequese, à educação de civilizações. Esses missionários muitas vezes sofreram perseguições e passaram por momentos de grande isolamento, ao difundir o cristianismo primeiramente em alguns lugares da Europa e, posteriormente, na Ásia e nas Américas.

Portanto, não há como deixar de lado o aspecto da religiosidade, da expansão do cristianismo, dos movimentos reformadores e de contrarreforma como um acontecimento que marcou o imaginário humano e a subjetividade das civilizações.

Além disso, na literatura do século XVI, por exemplo, Figueiredo (2007) ainda traz o exemplo de romances, destacando as experiências de conflitos de natureza existencial humana, em narrativas nas quais o personagem principal demonstra claramente sua saga ao construir-se e reconstruir-se, ou até mesmo relata sua desconstrução (por exemplo: os romances de cavalaria como Dom Quixote de La Mancha e Amadis de Gaula).

Estando esses conteúdos tão presentes e recorrentes na literatura renascentista, como um retrato do imaginário da época, ao adentrarmos em tais romances e relatos autobiográficos, podemos ter uma noção dos aspectos subjetivos que permeavam a cultura da época. Essa noção continua a se desenvolver se olharmos para os acontecimentos históricos e para as descobertas científicas, os pensamentos filosóficos, organização política etc.

Ao observarmos a transição do século XVI para o XVII, na literatura, houve um repúdio em relação às obras literárias produzidas por autores como Cervantes e Shakespeare.

Tais figuras traziam à superfície aquilo que o homem do século XVII preferia esquecer (temas como as paixões, experiências subjetivas e idiossincráticas, aspectos tão problemáticos à averiguação sistemática que as ciências exatas e naturais propunham). O progresso do pensamento científico e filosófico, concomitantemente à ordenação dos Estados políticos e à organização da sociedade, tudo isso, contribui para a formação da sociedade civilizada, que, por meio das leis, almeja sua ordem, seu direito, sua justiça.

O homem, porém, não se esquece de sua natureza selvagem que acompanha o seu caráter civilizado: os impulsos e apetites que compõem certas facetas da sua individualidade preenchem sua vida privada e, muitas vezes, surgem como movimentos contrários à ordem e a estabilidade.

Assim, surgem certos hábitos de etiqueta nas cortes francesas, por exemplo, como atos de representatividade e civilidade, protegendo os indivíduos de suas características indesejáveis, vergonhosas, tornando-os obedientes aos seus soberanos.

O caráter contraditório entre o civilizado, intelectual, nobre e contido e a outra faceta, mais impulsiva, rebelde e expressiva, conviveu e convive com a personalidade humana há muitos séculos. Se tomarmos os movimentos filosófico-culturais do iluminismo e romantismo, observamos que esses não ocorreram em fases segregadas, e sim, foram se mesclando um ao outro. Portanto, podemos entender a dificuldade em classificar dentro do período histórico-filosófico, nomes como Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), por exemplo.

Sendo assim, não é possível compreendermos o homem como uma imagem única, coesa e concluímos, dessa forma, que não podemos representar, nem definir e fazer predições sobre esse sujeito com base nas leis da racionalidade iluminista. Do mesmo modo, não é viável desenhar um modelo cartesiano de evolução do pensamento humano, suas crenças e teorias, visto que no desenrolar da história, vários modos de se pensar se entrelaçam e influenciam outros, que inevitavelmente se confundem, mesclando-se uns aos outros.

Acompanhando o desenrolar dos séculos XVI ao XIX, temos inúmeras personalidades que influenciaram e continuam a inspirar os movimentos contemporâneos. Vale destacar as seguintes, apontadas por Figueiredo (2007): Thomas Hobbes (1588-1679), Blaise Pascal (1623-1662), Baruch Espinosa (1632-1677), John Locke (1632-1704), Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), George Berkeley (1685-1753), o conde de Shaftesbury (1671-1713), David Hume (1711-1776), Rousseau, Immanuel Kant (1724-1804), Jeremy Bentham (1748-1832), Stuart Mill (1806-1873) e Richard Wagner (1813-1883).

Como veremos na figura 1, Figueiredo (2007) propõe um modelo para a compreensão da subjetividade humana e, do pensamento psicológico, articulando três ideologias que seriam

norteadoras das práticas de vida em sociedade e que foram se agrupando ao longo desses quatro séculos. São elas: o liberalismo (simbolizado pela letra “L”), representado pela figura de Stuart Mill; o romantismo (R), emblematizado por Richard Wagner; e o regime disciplinar (D), caracterizado em Jeremy Bentham. O esquema segundo o autor seria:

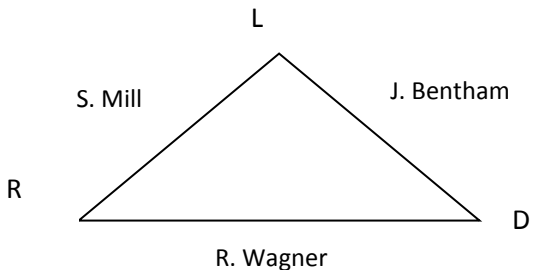

Figura 1. Modelo para compreensão da construção do pensamento psicológico, proposto por Figueiredo (2007).

Os polos, ou vértices dessa figura indicam uma ideia próxima daquilo que Figueiredo chama de dogmatismo, ou por assim dizer, quanto mais o pensamento se aproximasse de uns desses polos (L, R ou D), mais a teoria ou a corrente filosófica estaria caminhando em direção a um território que se distanciaria do polo adjacente. Entre os espaços L - R, assim como os territórios R - D, e D - L perpassaria o pensamento psicológico, que por assim dizer, poderia entrar em uma zona de conflito, à medida que cada forma de se pensar a subjetividade se diferenciasse ou se afastasse dos demais.

Nomes como Bentham, S. Mill e Wagner. Esses homens, que Figueiredo (2007) toma como paradigmáticos — além de muitos outros — de personalidades que influenciaram o pensamento liberal, romântico e disciplinar entre os séculos XVIII e XIX, guiaram a história política, econômica e cultural do sujeito moderno.

Tendo como modelo de representação do espaço psicológico o triângulo proposto por Figueiredo (2007) (Figura1), vemos que cada vértice ou polo (L, R e D) pode ser interpretado como um espaço onde a teoria ou pensamento de um desses três homens, se levada ao extremo ideológico, poderia ocupar um território de pensamento dogmático, excludente dos demais, resultando em isolamentos, rupturas e conflitos. Tanto na formação como na atual configuração do espaço psicológico, esses polos se mantiveram conectados, de forma que para cada um deles houvesse um contraponto, uma desmembração, que gradualmente através da história, caminhasse opostamente a outros pensamentos e ideias.

3.2.1 Bentham, Stuart Mill e Wagner: representantes das ideias que sustentam a formação do espaço psicológico.

Foge do escopo deste trabalho descrever ou mesmo analisar os pensamentos de ordem política, econômica e cultural de tais personalidades. Entretanto, parto do pressuposto de que esses homens notáveis transformaram a sociedade na qual viviam, pois assim como dela são representantes, também suas ideias dali emergiram e consequentemente, influenciaram a formação de muitos outros pensadores e muitos outros, em seus ideais políticos, econômicos, acadêmicos e culturais.

Embora a história tenha trazido primeiramente o nome de John Locke como o precursor do liberalismo (e também do empirismo), posteriormente consolida-se com o escocês Adam Smith (1723-1790). No geral, o liberalismo defende a redução do papel do Estado na vida econômica e incentiva o funcionamento do livre mercado como autorregulador da sociedade. Segundo Figueiredo (2007), Bentham descaracterizou o liberalismo, ao instituir o utilitarismo. Assim o Estado vai progressivamente interferindo na vida social com suas regras, que supostamente promoveriam a felicidade. Aqui entram instrumentos de cálculos que avaliam o bem-estar e as leis que atuam como liberadoras de castigos e recompensas — daí a comparação com a teoria comportamental de Skinner. Assim podemos orientar o espaço ocupado por Bentham, caminhando entre o liberalismo e o regime disciplinar, entre os vértices L - D.

S. Mill foi educado sob os rígidos preceitos utilitaristas, visto que seu pai James Mill (1773-1836) era discípulo de Bentham. Assim já podemos perceber a conexão e/ou influência de um vértice em duas correntes diferentes. Nesse sentido, podemos já refletir, dado o intricado de ideias, crenças e pensamentos, que esses homens não foram seres isolados, criadores de suas próprias teorias. Mill, ao passar por crises existenciais decorrentes de um excesso de disciplina ao qual fora submetido, aproximou-se dos ideários românticos de sua época. Sendo assim, sua versão do liberalismo reunia aspectos iluministas e românticos. Sua obra Da liberdade (1859) propõe que a liberdade humana pode ser vista como um projeto de autonomia para o homem e seu bem-estar, por meio da valorização da individualidade, expressando sua singularidade e espontaneidade. Aqui, conforme articula Figueiredo (2007), são geradas as noções de projeto individual de vida, autodesenvolvimento e o quanto a liberdade pode ser abalada e enfraquecida caso o regime disciplinar exerça soberania. Podemos dizer, portanto, que essa obra, assim como o pensamento de Mill, retrata um

liberalismo romantizado. Embora herdeiro de uma tradição benthanista e muitas vezes referido como pertencente ao utilitarismo inglês, Mill distancia-se do vértice do liberalismo que caminha ao regime disciplinar de Bentham. Assim, podemos situá-lo entre os vértices L - R, isto é, entre ideias liberais e românticas. Em que lugar então da psicologia podemos situar Mill? Como um pensador predominantemente no campo econômico e político, ele não escreveu livros sobre o conhecimento humano ou sobre a mente; contudo, ele abre precedentes ao pensamento científico, em sua vertente indutiva, tal como, por exemplo, presente na pesquisa psicológica contemporânea. Suas ideias marcam o ápice do associacionismo britânico (Goodwin 2005).

Já o nome de Wagner surge para Figueiredo (2007) como o representante do ideário romântico, com sua obra musical, destacando-se por sua característica revolucionária, unindo ordem e paixão. Assumindo a noção de que o movimento romântico instaura-se a partir do século XVIII como crítica ao iluminismo, liberalismo e ao individualismo ilustrado, vemos que seus artistas e pensadores questionavam os valores de ordem empírica e racionalista tão em voga naquele período. Assim nascem valores que orientam a restauração de uma individualidade que transcende a tradição iluminista, se expressa espontaneamente, podendo caminhar para certas doses de extravagância e até mesmo a ruptura de sua identidade.

O ápice do romantismo, ou uma atitude extrema dentre os pressupostos do movimento romântico, pode, entretanto, resultar em tragédias, insanidade, perda de controle; aspectos tão fáceis de se encontrar na literatura romântica de autores como Goethe, Vitor Hugo, John Keats, Lord Byron, Shakespeare e outros.

3.3 Reflexões iniciais sobre o modelo proposto por Figueiredo (2007) e meu objeto de estudo

Continuando a reflexão sobre o modelo proposto por Figueiredo (2007) – o triângulo com os seus três vértices denominados Liberalismo, Romantismo e Disciplinar, como sendo uma representação de um espaço histórico-cultural em que a psicologia começa a surgir como ciência e campo de saber sobre a subjetividade humana – vemos que, ao ocorrer conflito entre pensamentos, como ideias divergentes que gradualmente se diferenciam de outras, pode haver uma ruptura entre visões. Cada “defensor” ou “seguidor” de uma determinada área, caminha em direção ao seu respectivo polo (L, R ou D) isolando-se em sua teoria, de forma a “protegê-la”.

Arrisco, assim, propor a seguinte figura (Figura 2) na qual teríamos do mesmo modo como a primeira (Figura 1): o polo L, sendo representado por ideais Liberalistas; o polo R, como uma corrente de pensamentos de caraterística Romântica; e o polo D, como o representante dos ideais Disciplinares. Entretanto, cada um desses polos se caracterizaria uma corrente de pensamento centrada em seus pressupostos, não havendo espaço para discussão com as demais; resultando assim, em cisões.

Desse modo, proponho:

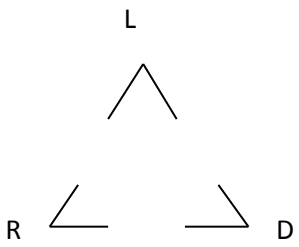

Figura 2. Cisão do espaço psicológico.

Seguindo ainda o raciocínio do autor ao discutir e formular a respeito do ecletismo teórico, alertando-nos dos riscos que tal abertura às mais variadas visões epistemológicas pudesse esmorecer a própria individualidade de dada teoria, podemos pensar num modelo homogêneo, que está representado (abaixo na figura 3). Um espaço quase coeso, único, onde as identidades de cada ideia (liberal, romântica e o regime disciplinar) perderiam suas principais características em detrimento da unificação, fusão de pensamentos; perdendo a noção de polos ou vértices como fora proposto por Figueiredo (2007). Assim, teríamos um espaço que chamei de eclético LRD (Liberal, Romântico e Disciplinar), vejamos:

Figura 3. Espaço eclético

Se pensarmos nesse modelo único, coeso, entraremos em uma discussão que percorre desde o surgimento da psicologia como ciência até os dias atuais. O tema referente à unificação da psicologia. Conforme coloca Stam (2004), as tentativas de tornar a psicologia

como uma teoria única, podem ser mais uma manobra disciplinar para validar os projetos e pesquisas em psicologia do que uma ação epistemológica. Ele chama atenção para o fato de que toda a atividade que almeja ser chamada de científica deve focar-se na atividade de perseguir problemas e não estruturar disciplinas, focando em sua institucionalização. O desafio, entretanto, seria lidar com os problemas de natureza institucional, visto o grande leque de propostas existentes nas diversas práticas em psicologia. No que tange aos métodos fundamentais e a preferência por abordagens funcionalistas, a psicologia vem conquistando estabilidade e unicidade; porém, o que vemos em maior ênfase é, sem dúvida, a diversidade nos seus aspectos teóricos.

Ao mesmo tempo parece ser inerente ao ser humano a busca pelo estabelecimento de unicidade referente a uma ideia, um pensamento, procurando máximas e axiomas, ao passo que vivemos repletos de pluralidade; e a psicologia não escapa a esses dois movimentos: unificação e diversificação.

Podemos concluir que a teia do espaço psicológico se sustenta em suas dinâmicas de rupturas com seus dogmatismos, bem como em suas tentativas de se tornar única, ou eclética. Tais caminhos, no meu ponto de vista, deveriam servir como balizadores da ação científica de se fazer psicologia, e não propriamente serem escolhidos definitivamente.

Alguns exemplos de correntes que foram influenciadas por tais vértices (L, R e D) são sugeridas por Figueiredo (2007) da seguinte forma: a psicanálise se aproximaria dos ideais liberais de Stuart Mill (vértice L) no que toca a energética dos impulsos e em seu equilíbrio conflitivo; Bentham (vértice D) e suas leis que produzem consequência inspirariam a engenharia comportamental de B. F. Skinner (1904-1990); e o pensamento de C. Jung (1875-1961) se apoiaria nas propostas de transformação do sujeito em uma personalidade singular, a busca nas vivências místicas para o desenvolvimento do homem, como proclama o romantismo.

Sendo o meu objeto de estudo, os pensamentos precursores de Steiner, e tomando como base a historicidade proposta por Figueiredo (2007), surge a seguinte questão:

Em que lugar, na formação do espaço psicológico, podemos posicionar tais pensamentos de Steiner, sendo que os mesmos foram alicerces para o surgimento de uma filosofia — a antroposofia — a qual dialoga, por exemplo, com áreas como a educação e a psicologia?

Parto do princípio que os pensamentos de Steiner, também trilharam os caminhos ou espaços pelos quais a psicologia também se formou e ainda se constrói. Ora, se existe diálogo entre a psicologia e a antroposofia, supomos que possa existir um lugar, do mesmo modo que

as diversas psicologias encontram suas origens dentro do espaço L, R e D. Onde estariam as ideias percursoras de Steiner? Será que próximas das correntes Liberais, Românticas ou mesmo das Disciplinares?

Represento essa questão na figura 4, a seguir:

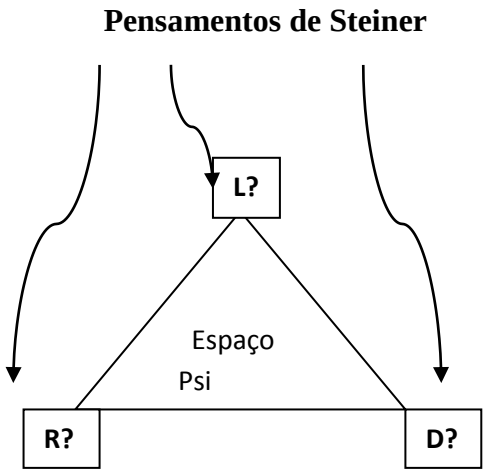

Figura 4. Pensamentos de Steiner e seu possível lugar na formação do psicológico

No próximo capítulo, veremos alguns aspectos da vida de Rudolf Steiner que foram, em minha opinião, exemplos de vivências que constituíram seu espaço de subjetivação. Após trazer tais exemplos, analisaremos como tais eventos e modo de agir no mundo em Steiner transitaram dentro do modelo proposto por Figueiredo; e como esse "viver" fez germinar a construção do seu conhecimento, juntamente com suas inclinações teóricas que mais tarde dariam origem à sua epistemologia, a antroposofia.

Assim, faremos uma articulação acerca do espaço do psicológico que supostamente o pensamento de Steiner ocuparia, bem como sua contribuição ao estudo da história e filosofia da psicologia isto é, mantendo a ideia do triângulo proposto por Figueiredo (2007) como um modelo dinâmico, no qual as teorias do pensamento psicológico transitam ora distanciando-se ou aproximando-se dos vértices L, R ou D.

4 As experiências de subjetivação em Rudolf Steiner: aspectos cognitivo-emocionais presentes no período de 1861 a 1897.

Considerando que (a) a subjetividade humana é manifesta nas relações interpessoais e se constitui mediante a elaboração cognitivo-emocional e pessoal das vivências socioculturais; (b) que o construtivismo semiótico-cultural em psicologia é uma das perspectivas que pesquisam os processos intersubjetivos humanos e como isso se dá no desenvolvimento sociocultural (Simão, 2010), minha escolha, por essa perspectiva do construtivismo semiótico cultural, pressupõe que esta seja uma ferramenta de compreensão e diálogo com o tema de pesquisa, como já dito na introdução.

O espaço de subjetivação em Steiner será abordado aqui como sendo constituído de aspectos cognitivo-emocionais vivenciados por ele, desde a infância até sua vida acadêmica — 1861 até 1897 — formados de elementos racionais e afetivos, inseparavelmente. Sendo assim, as interações com o(s) outro(s)-mundo(s) ajudaram a consolidar suas afinidades intelectuais, ou melhor, sua construção de conhecimento.

O tema razão-emoção foi, para a psicologia, visto como dicotômico, sendo cada qualidade interpretada como independente e até mesmo excludente. Historicamente, portanto, o sensibilizar-se e o emocionar-se foi colocado em oposição ao raciocinar e ao pensar. Os resultados obtidos com o método racional trouxeram grandes avanços e melhorias para a humanidade desde o final da Idade Média, portanto a razão permaneceu como soberana nos pensamentos iluministas e positivistas. Estudar os aspectos afetivos, com suas particularidades e indeterminação, passou a ser algo que ficaria muito distante do fazer ciência, portanto a psicologia assumiu a valoração pela racionalidade em seu fazer científico (Simão, 2010).

O construtivismo semiótico-cultural em psicologia; (CSC), juntamente com outras propostas em psicologia, acredita no caráter limitador das abordagens exclusivamente racionalistas, e também daquelas exclusivamente orientadas pelos afetos. A partir disso, considera as relações afetivo-cognitivas para estudar os fenômenos psicológicos.

A escolha por essa forma de tratar o meu objeto de estudo inspira-se nas proposições de um teórico de grande influência para o CSC, Ernst Boesch, e que conforme Simão (2010) em seus estudos sobre o mesmo, afirma que o sujeito age, de forma cognitiva e emocional, construindo significados pessoais que podem ser compartilhados e negociados com outros, que também constroem outros significados. Nessa dinâmica, forma-se a cultura.

Como a perspectiva a ser utilizada no âmbito desta pesquisa é a do CSC, daí a escolha dos aspectos cognitivo-emocionais como elementos formadores do espaço de subjetivação, e que serão interpretados como propulsores daquilo que mais tarde engendraria a epistemologia de Rudolf Steiner.

Cada tópico deste capítulo foi organizado de acordo com aspectos da vida de Steiner, os quais eu selecionei por considerá-los relevantes na sua trajetória de vida, no período de 1861 a 1897.

4.1 Interações Steiner-outro(s)/mundo(s)

Partindo da noção de que o processo de construção do conhecimento se dá, em parte, sob a vertente das interações verbais, explícitos ou não, das relações *eu-outro* (Simão,2010) procurarei mostrar como o filósofo Rudolf Steiner, ao elaborar as bases filosóficas de sua teoria do conhecimento (chamada mais tarde antroposofia) assim a construiu por meio de uma articulação, um diálogo e até mesmo uma identificação com o poeta cientista Johann Wolfgang von Goethe (1749/1832), além de muitos outros. Além dessas interações com outros, destacam-se os aspectos emocionais, educacionais e vivenciais de sua formação (principalmente em sua infância e juventude) — ideias e pensamentos que são ressaltados por ele próprio e seus biógrafos.

No decorrer da trajetória escolar/acadêmica de Steiner, percebe-se nele uma necessidade de estudar vários pensadores de sua época, bem como os que foram precursores desses. Sua opção em estudar ideias que lhe eram desagradáveis, ou mesmo as que não aceitava como verdade, foi de grande importância para a fundamentação de uma ciência espiritual que valoriza o pensamento crítico. Em muitas de suas obras e palestras, encontram-se afirmações em que Steiner incentivava a pesquisa, o pensar crítico e os frutos vindouros do processo reflexivo para o conhecimento.

Foi em Goethe que Steiner encontrou a “chave” propulsora que o levou à formulação de sua teoria do conhecimento. Na introdução do livro de Steiner *Goethe’s Theory of Knowledge,* Christopher Bamford (2008) afirma que Steiner tentou desdobrar aquilo que fora manifesto em Goethe, identificando nesse um método que poderia ser considerado epistemologicamente, tal como foi realizado posteriormente com o advento da antroposofia.

Antes mesmo da identificação com Goethe, havia, na criança e no adolescente Steiner (conforme ele mesmo relata em sua biografia), alguns aspectos que merecem atenção, como sendo norteadores do que mais tarde podem ter influenciado naquilo que enxergou em Goethe (por exemplo: visão de natureza, conceitos sobre a *planta primordial, tipo, metamorfose, pensamento intuitivo* etc.). Essas vivências "embrionárias" como um conteúdo que, mais tarde, viria a ser desenvolvido em uma teoria, diz respeito às experiências internas muito íntimas, que se deram a partir de muitos encontros notáveis. Tais encontros com determinadas personalidades exerceram significativa contribuição na vida estudantil e cotidiana do jovem pensador, e de certa forma propiciaram o processo de formação de conceitos, educação moral e religiosa. Tudo isso formou um amálgama do que futuramente pôde ser expresso por ele, em sua fase adulta.

4.1.1Os processos da natureza na infância de Steiner: o mundo cognoscível e o incognoscível

O fascínio pela natureza e seus processos seria um dos aspectos vivenciados por Steiner que, ao longo de sua vida, contribuíram na construção do seu saber. Ele narra em sua autobiografia (Steiner, 1925/2006) que, em sua primeira infância, na cidade onde morava, em Pottschach (na Baixa Áustria), dois locais desde cedo instigavam sua curiosidade: um moinho e uma indústria de fiação. No primeiro, Steiner podia adentrar com maior facilidade, principalmente por serem o moleiro e sua esposa, padrinhos de seus irmãos. Por lá se aventurava, como ele mesmo diz: "Frequentemente escapava até lá, pois 'estudava' com entusiasmo seu funcionamento. Ali eu penetrava no 'interior da natureza'" (Steiner, 1925/2006, p.27). Já com a indústria de fiação, a relação era outra: o menino não tinha permissão para entrar, havia o desconhecido. Ele observava as matérias-primas chegando à fábrica e os produtos acabados que de lá saiam. Deparava-se assim com o limite do conhecimento. Steiner revela seu desejo de transpor essa barreira, de conhecer o que ocorria no interior dessa fábrica. Esse mistério era conhecido somente pelo diretor da fábrica, um homem considerado pelo jovem Steiner como uma figura de fala mecanizada, áspera, de olhos fixos, imóveis, como se esses aspectos fossem herdados pelo "convívio com as máquinas" (Steiner,1925/2006 p. 27).

Observam-se aqui, dois mundos. Um deles, o moinho, era de livre acesso; seu funcionamento era transparente, no sentido de compreender seus processos, além de parecer

convidativo a ele; um processo artesanal, de moagem de cereais, de fácil observação e entendimento do seu produto final, a farinha — o conhecimento estava em suas mãos. O outro, a fiação, o mundo industrial, tecnológico, misterioso, refletia para ele uma atmosfera um tanto hostil, visto que não conseguia desvendar o que acontecia lá.

Além disso, Steiner declara que o ambiente no qual passou a infância — a pequena vila de Pottschach — exercera uma grande influência em sua vida, pois ao mesmo tempo em que vislumbrava as paisagens que cercavam sua cidade, as montanhas e o verde abundante que se estendia pelo horizonte, ele também se entretinha com a estação de trem, cuja direção seu pai assumira. A atenção despendida aos trens que chegavam era quase como um passatempo para muitos da aldeia; o interesse pelo funcionamento da estação e seus mecanismos de operação também entretinha e instigava o jovem. Ele diz que esse lado mecânico da existência, o conhecer dos processos ferroviários, obscurecia seus conhecimentos infantis direcionados à natureza. Observa-se aqui, ainda de forma não muito elaborada (até por se tratar de memória de infância), raízes do que mais tarde pode ter influenciado sua visão de mundo, que era contrária à da sua época, uma vez que Steiner era hostil à ênfase dada ao pensamento mecanicista e reducionista, bem como à forma que tais abordagens haviam dominado várias áreas dos saberes. Mais tarde, já adulto, Steiner deixa claro seu desapontamento para com os pensadores de sua época, cujas ideias apoiavam-se nos conceitos oriundos da física mecanicista e reducionista para compreender os processos da vida e da *natureza orgânica*[9] em geral.

Além de Pottschach, Steiner (1925/2006) passou outro período de sua infância em Neudörfl, uma pequena aldeia húngara que também serviu de cenário em sua história, com belas paisagens por ele narradas, sempre com muitos detalhes, muitas vezes em tom poético, transmitindo a impressão de grande felicitação e gratidão por ter desfrutado um convívio muito próximo com a natureza. Ele descreve o caminhar pelas florestas, colhendo frutas (que, segundo ele, são as "dádivas da natureza") e buscando água efervescente de uma fonte para sua família, os longos percursos a pé, inclusive em pleno inverno, e o ingresso no liceu da cidade vizinha de Wiener-Neustadt, aos 10 anos de idade. Esse era o cenário de sua infância.

O que parecia ser a realidade de dois mundos tão diferentes, mas que o interpelavam durante sua infância fazendo parte da sua "vida prática", foi agregado, na vida adulta de Steiner, em uma teoria ou uma visão de mundo que lhe gerara conforto. E foi principalmente

[9] O conceito sobre natureza orgânica é originário de Goethe.

em Goethe que isso ocorrera, quando esse trata do conceito de *natureza orgânica e inorgânica*[10] e seus modos diferentes de abordá-la.

O que era a parte da *natureza orgânica* (a vida em si, a vegetação, a paisagem, as flores) aparece em sua autobiografia com aspecto romanceado, como uma devoção ao que advém dessa natureza — sendo contrário ou avesso ao inorgânico, embora esse último fizesse parte e envolvesse toda a sua vida tanto quanto o mundo orgânico. Assim, tais revelações já dão "sinais", já apontam para aquilo que mais tarde surgiria como uma necessidade de compreensão dessas naturezas tão contrastantes.

O ambiente em que vivia trazia-lhe uma relação eu-outro na qual "outro" pode ser aqui entendido como Steiner-meio ambiente, isto é, sujeito-meio ambiente (Boesch, 1991; Simão 2002; 2010) – relação que configuraria boa parte de seu modo de ver o mundo. As relações do menino com o local onde vivia, assim como as percepções (aqui menciono percepções objetivas e subjetivas) "experienciadas" nesse interagir, as transformações de caráter emocional que ocorriam em sua psique (ou em seu mundo anímico, para usar os termos da antroposofia ao falar da psique), podem ser identificadas em sua narrativa, conforme os adjetivos por ele usados ao descrever as sensações que esse meio lhe causava. É importante mencionar ainda suas indagações, que ficaram em aberto no que se refere aos "mistérios não revelados" (aspas minhas) e às suas hipóteses causais (como aquela atribuindo a fala mecanizada e áspera do diretor da fiação à sua interação com as máquinas). Aqui podemos observar como uma interação social bidirecional (Valsiner, 1989; Wertsch, 1993) entre ele e o meio já interferiram em seus processos cognitivo-emocionais desde tenra infância. Segundo Simão (2004b) "....somos construtores ativos do nosso próprio desenvolvimento, sob as oportunidades e limites que nos são dados pelas interações com outros...." (Simão, 2004b p.31). Nesse aspecto, considera-se que essas interações vividas por Steiner colaboraram para a construção de seu próprio modo de pensar, de compreender seu meio.

Vale aqui expor como é compreendida a palavra "conhecimento" para o construtivismo semiótico-cultural, não ligado somente à noção de informação sobre o que é discutido, "....mas principalmente a significação cognitivo-emocional que os atores fazem, a partir do diálogo, com respeito à realidade, compreendida como versão pessoal datada e culturalmente contextualizada...." (Simão, 2004b p.30). Assim, o processo de construção da

[10] Idem nota 6.

teoria do conhecimento ainda por vir, formulada por Steiner, já se configura desde essas interações de sua infância, impactando na sua forma de assimilar conceitos e formular teorias.

Posteriormente, no decorrer de sua vida, foi por intermédio de muitos outros que influenciaram Steiner (professores, médicos, padres, poetas, cientistas) que certas áreas do saber, disciplinas estudadas ou até mesmo formação moral e religiosa foram concomitantemente recebidas e transmitidas por ele na forma de diálogos (diretos ou indiretos), fornecendo um substrato para a construção de seu saber. Veremos separadamente alguns destes aspectos na sua formação.

4.1.2 Apreensão cognitiva-emocional da geometria, matemática, física e artes — possibilidades de relações com a noção do pensar, mais tarde sugerida por Steiner

Há um tom de gratidão na linguagem que Steiner utiliza ao se dirigir ao professor auxiliar de Neudörfl, Heinrich Gang, pois fora com ele que o garoto pôde saborear o conhecimento da geometria pela primeira vez. A relação professor-aluno ocorrera de maneira próxima e amistosa o suficiente para permitir que Steiner frequentasse a casa do professor. Em uma dessas visitas, lhe fora emprestado um livro de geometria (de autoria de Franz Mocnik) sobre o qual o garoto debruçou-se com entusiasmo. O fato pode ser ilustrado a seguir:

> ...minha alma ficou totalmente preenchida pela congruência, pela semelhança de triângulos, quadrângulos, polígonos: eu quebrava minha cabeça indagando onde realmente as paralelas se encontram; o teorema de Pitágoras me encantava (Steiner, 1962, p.31).

Percebe-se uma satisfação com a geometria, que o tocava afetiva e cognitivamente, conforme compreendia o desenvolvimento das formas. Seu contato e vivência com essa disciplina foi tecendo, aquilo que mais tarde, para Steiner, viria a ser a afirmação de que o homem talvez carregasse em si o saber do mundo do espírito (assim como a geometria, que era para ele um saber produzido pelo homem, mas que tinha um significado independente desse). Para ele, a realidade do mundo imaterial era tão acessível quanto à do mundo sensorial, visto que desde criança tivera experiências de clarividência que possivelmente

permitiram-lhe certa familiaridade com o mundo imaterial, ou mesmo a ideia de que esse outro mundo, chamado por ele de espiritual, existia. Assim, nas bases da geometria ele encontrou a justificativa para a compreensão de suas indagações e vivências sobre o mundo imaterial. O raciocínio construído por ele era o seguinte: da mesma forma que os objetos perceptíveis pelos sentidos estão dentro do espaço, fora do homem, existem seres e acontecimentos misteriosos que estariam em certo espaço anímico, no íntimo do homem.

Ele sentia desde pequeno que o homem deveria se apropriar do mundo espiritual ou das coisas que não são vistas, assim como se apropria da geometria.

> Sei que na Geometria eu conheci a felicidade pela primeira vez....os objetos e os processos que os sentidos percebem estão dentro do espaço; mas, da mesma maneira como esse espaço está fora do homem, encontra-se no íntimo uma espécie de espaço anímico, palco de seres e acontecimentos espirituais (Steiner, 1962/2006, p. 31).

Para Steiner (1926/2006), a geometria foi base de apoio à sua inquietante necessidade de falar de um mundo que não se vê. Ele distinguia, desde pequeno, “objetos e seres que se veem, de outros, que não se veem” (p.32), mas que se percebem mediante outras relações de sentido. Ele distinguia dois mundos: um sensorial e outro espiritual.

Algumas vivências com relação ao mundo espiritual foram percebidas por Steiner desde criança, embora tenha deixado para tratar desse assunto mais tarde, em sua autobiografia, explicando o quanto essas vivências estavam desde criança, muito vivas em sua alma, a tal ponto de fazê-lo ter certeza de que esse mundo espiritual era real. O importante neste momento é destacar o quanto a geometria serviria de base e fundamento para o início da sua teoria do conhecimento. Como criança, era o que necessitava como justificativa para tal mundo espiritual. Encontrara “conforto” na geometria para entender o mundo que não se via.

Essa atração pela Geometria tão precocemente na vida de Steiner nos leva a pensar em uma propensão à ciência, e que suas descobertas relacionadas à ciência espiritual são de fato bem fundamentadas. É curioso o fato dele não ter procurado “fora” das ciências. Steiner evitou falar sobre suas experiências suprassensíveis, no início do desenvolvimento de suas pesquisas, pois achava que poderia ser mal compreendido.

Parece que não era a geometria em si que tanto o atraiu, mas o que ele poderia desenvolver a partir dela, no tocante ao conceito de forma: a abstração, o imaginário independente da percepção sensorial (por exemplo, a visual). Lachman (2007) cita um

exemplo que Steiner usou para explicar a questão da forma, da geometria e daquilo que ele considerava como o componente espiritual:

> A ideia de triângulo tem igual existência como a qualquer objeto físico que possua a forma triangular. Quando você ou eu pensamos em um triângulo, ele não existe separadamente para cada um de nós. Ambos observamos mentalmente o mesmo triângulo, e assim encontramos um mundo real, espiritual (Lachman, 2007 p.18, minha tradução).

Lachman (2007) complementa que, para Steiner, "as fronteiras do mundo espiritual começariam em nossas próprias mentes" (p. 18), como se existisse um espaço mental ou um espaço espiritual real.

Podemos concluir no que se refere à geometria em sua infância, que essa o ajudou a tatear o mundo exterior a ele mesmo. Ao dar significado, na perspectiva do construtivismo semiótico-cultural (Simão, 2004), o indivíduo está envolvido em um processo de fazer distinções entre o mundo real, o que é, e o mundo que deveria ser — semelhantemente ao que se encontra em Boesch (1991) quando se refere *ao valor real e valor visado*. Articulando, interagindo com experiências inquietantes, estimulantes, o ser humano se envolve em um processo de construção de sua subjetividade, por meio das relações eu-outro. As distinções entre o mundo espiritual — que para Steiner era real — e o mundo vivido por ele cotidianamente geraram primeiramente uma inquietação que provocou a busca, a ação para a compreensão, o entendimento desse mundo espiritual não compreendido pelo outro (pessoas-cultura). Seria análogo ao sentido de busca por consistência nas relações eu-mundo trazido por Boesch (1991) e Simão (2010), pois o sujeito se desafia a alcançar e manter essa consistência, para dar continuidade ao seu agir no mundo. Steiner, por assim dizer, busca no saber do mundo, na geometria, para, em um sentido mais amplo, desenvolver sua habilidade de existir no mundo, perceber-se como um sujeito que atua e reconstrói os significados tanto dele mesmo como do outro.

A educação artística também o tocou nessa fase de vida. O mesmo professor da escola de Neudörf, além de ter despertado em Steiner (1925/2006) o encantamento pela geometria, lhe ensinava desenhos feitos a lápis carvão, além de despertar no jovem uma admiração por seus dotes musicais. Nesse professor, Steiner diz ter percebido "o amor especial pelo desenho" (p.32).

Tanto a arte como a geometria, por serem submetidas às regras representacionais de inteligibilidade e plausibilidade, podem ter oferecido elementos de orientação e organização de um imaginário que se relacionava mais com o mundo espiritual do que com o mundo externo. Assim, para Steiner, tais disciplinas o ajudavam em sua construção de sentido, de forma que se tornara possível ser compreendido pelo outro (pessoas-cultura).

Vemos aqui o que mais tarde foi retratado por ele como uma ideia de compreender a arte e a ciência como intrinsecamente relacionadas, de forma que a perfeição de uma, exigiria também a perfeição da outra. Assim como em Goethe, o poeta cientista, Steiner pôde relacionar a noção de que a "arte e a ciência emanam da mesma fonte" (Steiner, 1883/1984, p.81).

Entre os anos 1871 e 1872, Steiner finalizava o equivalente ao ensino fundamental e seu pai avaliava entre as duas possibilidades de continuação dos estudos: o Liceu Clássico, que focava nas ciências humanas e aparentemente traria a Steiner maior pertinência àquilo que lhe interessava tanto, como a literatura; ou a escola técnica, a *Realschule.* Como o pai de Steiner desejava que ele se tornasse engenheiro — para que ocupasse no futuro um cargo na empresa ferroviária — a escolha acabou sendo pela escola técnica da cidade vizinha, Wiener-Neustadt.

Neste momento, a curiosidade de Steiner foi despertada para um trabalho produzido pelo diretor de sua escola, um ensaio que falava sobre a força da atração, intitulado "*A Força da Atração Considerada como um Efeito do Movimento"*. Embora com apenas 11 anos de idade e não conseguindo alcançar um entendimento do conteúdo, fora compelido a compreendê-lo, como uma obstinação de sua adolescência. Steiner diz pelo menos ter captado algumas ideias básicas e conseguido estabelecer uma relação entre o assunto do ensaio com os ensinamentos sobre o sistema cósmico copernicano, fornecidos por um padre da aldeia de Neudörfl (explorados a seguir no subtópico *Orientação espiritual religiosa*). Apesar de Steiner não se identificar com a visão ali relatada pelo diretor de sua escola, sentia que precisava entender como aquelas ideias tinham sido criadas e defendidas. Comprou um livro também escrito por aquele diretor: *O Movimento Geral da Matéria como Causa Básica de Todos os Fenômenos da Natureza*, do qual conseguiu extrair que a atração não seria nenhuma força especial, mas apenas um efeito, uma consequência do movimento. Steiner (1925/2006) diz ter lido e relido tanto o artigo como o livro desse diretor, e relata que, este estudo era bem vagaroso e que, a cada releitura, ele avançava um pouco mais.

Diante desse episódio narrado por Steiner, com relação a uma obra que despertara sua curiosidade, que o motivara à leitura e ao entendimento da mesma, supõe-se um desafio (e

consequentemente uma conquista), como se ele tivesse conseguido enxergar e compreender, otimizando seu potencial de ação (Boesch, 1991). Otimizar, segundo Boesch, significa "o melhor" obtido sob certas condições percebidas pelo sujeito. Além disso, à medida que se dava tal compreensão, emergiram barreiras e fronteiras[11] (Boesch, 1991) no diálogo entre o menino leitor e aquelas ideias de seu diretor, as quais geraram consequentemente, uma contra-argumentação, buscando outros interlocutores (vozes externas ou as suas mesmas), conforme Simão (2004b p.35): "a contra-argumentação é indicadora de que existe uma possível direção diferente a ser tomada, julgada e apresentada pelo outro como melhor [...]". A contra-argumentação de Steiner é vista no momento em que diz não concordar com a visão apontada no artigo de seu diretor; neste ponto, contudo, ainda não é possível visualizarmos qual seria seu argumento em resposta àquilo com o qual não concordava. Talvez o mais importante seja podermos localizar a importância que Steiner deu à interação com outra pessoa, como alteridade, na tentativa de edificar seus temporários acordos e desacordos (Simão, 2010) diante de questões não compreendidas. Podemos observar mais tarde, em toda a sua obra, essa característica.

Uma das formas encontradas por ele para compreender a obra daquele diretor foi aprofundar-se nos estudos da física e matemática. Aos poucos, ia decifrando as dúvidas ao tentar interagir com tais conceitos nada palatáveis, que geravam certa tensão nos diálogos internos daquele jovem. Pode ter sido graças a essas tensões que emergiram a novidade e o conflito criativo nos processos de construção do conhecimento (Simão, 2001; 2002). A novidade aqui se refere ao entendimento do que, para ele Steiner, poderia ser algo novo, uma teoria nova ou visão que trouxesse uma resposta às suas indagações.

No desenrolar de sua vida estudantil, entre encontros com professores de matemática, desenho geométrico, física e química, Steiner foi se aproximando de questões que lhe eram enigmáticas a respeito da natureza. Percebia, assim, que necessitava compreender tais enigmas para posteriormente posicionar-se sobre o mundo espiritual.

Outro homem de grande importância nesse período foi seu professor de matemática e física — Laurenz Jelinek. Steiner afirma ter conseguido, por intermédio desse professor, chegar mais perto do entendimento dos escritos enigmáticos de seu então diretor escolar. Sobre Jelinek, Steiner (1925/2006) diz: "Sua aula era de uma extraordinária ordem e transparência. Ele construía tudo tão claramente, com base nos elementos, que segui-lo fazia

[11] Barreira seria uma área que é difícil ultrapassar e pode precisar de ações específicas interpostas e, uma vez cruzada ou atravessada a barreira, a ação pode continuar mais ou menos como antes. Por outro lado, uma fronteira marca a separação entre duas áreas do comportamento que requerem uma adaptação específica na forma e direção da ação tomada pelo indivíduo (Boesch, 1991 p.113).

um grande bem à atividade pensante" (p.42). Ele relata ter encontrado um modelo para seu raciocínio matemático, com a mesma exatidão com a qual o professor lhe transmitira.

Nota-se um conforto e também um sentimento de inclusão, de pertença, ao se deparar aqui com uma personalidade que lhe fornecera reciprocidade e identificação. Há uma compreensão dialógica entre aluno e professor, isto é, a interação dialógica (verbal ou não) entre eles permite tal identificação e empatia, possibilitando uma construção e reconstrução de significados (Simão, 2004b).

Outro professor, Georg Kosak, que ensinava desenho geométrico, também instigou o jovem Steiner, despertando-lhe admiração, assim como acontecera com as aulas de Jelinek — era uma observação análoga à de clareza e ordem ao lecionar. Inspirado nessas aulas, Steiner declara: "Desenhar com compasso, régua e esquadro se tornou para mim, uma das ocupações favoritas" (Steiner, 1925/2006, p.43).

Portanto, no caminhar interpenetrado por esses mestres, à medida que assimilava tais conteúdos, Steiner se deparava com questões enigmáticas sobre a natureza, que para ele só poderiam ser decifradas quando o pensar se aproximasse da essência dos seus fenômenos. Na seguinte fala de Steiner (1925/2006) de sua autobiografia, observa-se um exemplo de como ocorria, em sua própria experiência, quando criança, o processo do pensar: "Eu ordenava tudo o que aprendia no sentido de me aproximar dessa meta" (p.43). Essa meta seria o decifrar dos fenômenos intrigantes, que através da "ordenação", tal como é dita, pode nos levar ao que no futuro, Steiner interpretaria e compreenderia ser a visão científica de Goethe. No livro *A Obra Científica de Goethe*, Steiner (1883/1984) atribui ao pensar como um processo que ele denominou *percepção conceitual* ou *percepção do pensar*, isto é, o julgar intelectualmente, as impressões advindas pelos sentidos ou *percepção sensorial*. Somente através da percepção conceitual, com o pensar, o homem passaria a desenvolver a capacidade de ir além, de criar o novo. Para Steiner, o pensar atuaria como um órgão da percepção conceitual (assim como os olhos, os ouvidos são órgãos da percepção sensorial). As ideias seriam o objeto do pensar. Ele se refere ao pensar como um processo de "ver com os olhos do espírito" (Steiner, 1883/1984, p.74). Para Boesch (1991), o ir além, o ver, o enxergar através, também é explorado como um dos aspectos por meio dos quais o sujeito otimiza seu potencial de ação — o qual, segundo ele, estaria relacionado à capacidade de organizar, de dar sentido à sua própria existência.

Nos conceitos antroposóficos, o pensar é captado pelo nosso intelecto, sendo o cérebro o órgão representante atuante nesse processo. No corpo físico[12], que é construído por forças

[12] Para a antroposofia, o ser humano é constituído de quatro corpos: o físico, o etérico (ou vital), o anímico e o corpo do Eu.

minerais (que compõem fisicamente e biologicamente o organismo), há no órgão do pensar (o cérebro) as mesmas substâncias presentes no reino mineral, que além de permitir ao homem o pensar instrumental que o habilita às tarefas cotidianas, possibilita também os pensamentos de ordem superior, que conduzem o homem aos pensamentos puros e cristalinos que contêm o princípio das coisas, a ideia.

Posteriormente, com a antroposofia, Steiner apresenta *o pensar* como uma qualidade anímica do ser humano, assim como o *sentir* e o *querer*[13]. As forças do *pensar* e do *querer* seriam mediadas pela função harmonizadora do *sentir* (Rennó, 1998). No desenvolvimento infantil, essas forças se concentram até por volta dos sete anos e atuam na formação (função plasmadora) dos órgãos, estando relacionadas aos processos de crescimento. Mais ou menos após o sétimo ano de vida, essas forças não atuam mais na formação do corpo físico, mas sim externamente a ele, constituindo ou ajudando a formar as características psíquicas (anímicas) do ser humano.

4.1.3 O lugar do sagrado na busca de compreensão sensível da natureza

A orientação espiritual foi despertada em Steiner no início de sua vida, por um padre chamado Franz Maráz, uma personalidade que, conforme o próprio Steiner retrata, causou forte impressão na sua infância (Steiner, 1925/2006). Esse homem o impactou com um sermão proferido sobre a importância da moralidade para a vida humana, e também quando mostrou e explicou um desenho do sistema cósmico copernicano, fazendo com que Steiner e alguns alunos produzissem desenhos sobre o assunto, além de ensinar-lhes sobre os processos de eclipses do sol e da lua. “A imagem desse homem gravou–se profundamente em minha alma; e por toda a minha vida ele sempre ressurgiu em minha recordação” (Steiner,

[13] O *pensar* seria uma função que surge a partir de percepções interiorizadas do mundo externo, resultando em associações já elaboradas anteriormente, (daí justifica-se a importância da memória como um processo fundamental na aprendizagem, exigindo, portanto, um estado de plena consciência). O *sentir* tem uma função harmonizadora, e acontece em um estado de semiconsciência (teria, de um lado, influência do *pensar* e, de outro, do *querer).* A força do *querer* é a mais inconsciente da alma e está relacionada aos impulsos vegetativos (sobrevivência), às cobiças animais (desejo de poder, espírito gregário e de proteção) e aos impulsos humanos (da fala, de formar representações mentais). Todos esses impulsos se manifestam por ações, que no indivíduo ainda jovem são atitudes rudimentares em comparação àquelas que irão se manifestar na fase adulta. É, portanto, uma força que se dirige ao futuro, que leva o indivíduo ao encontro de seus objetivos na vida (Rennó, 1998; Lievegoed, 2002).

1925/2006, p.34). Além disso, as celebrações litúrgicas, executadas por esse padre, cunharam em Steiner a impressão de que aquele homem atuava como um mediador entre o mundo sensível e o suprassensível: “O modo como a contemplação do ato litúrgico, vinculada à solenidade musical do ofertório, faz despontar perante o espírito, de maneira intensamente sugestiva, as questões enigmáticas da existência (...) tudo aquilo não era uma simples formalidade, mas profunda vivência” (Steiner, 1925/2006, p.36).

Havia uma relação entre a escola e a igreja da aldeia. Neudörfl, sendo pequena, facilitava as interações de seus habitantes “com” e “em” locais como a igreja, a escola, o cemitério e a estação de trem. Além de estarem localizados muito próximos geograficamente, fazendo parte do trajeto dos moradores da aldeia, esses locais também eram permeados de uma intensa atividade cultural-social dos habitantes, como em qualquer cidadezinha do interior, até mesmo nos dias de hoje.

Em meados de 1871, na cidade de Neudörfl, Steiner estava com dez anos de idade aproximadamente. O padre Franz Maráz participava ativamente das questões húngaras, era um “enérgico patriota”, segundo Steiner (1925/2006), e exercia influência na sociedade com seus escritos e sermões. O professor auxiliar de geometria trabalhava na igreja como organista e também cuidava das vestes e objetos usados na missa. Assim, Steiner também participa da rotina paroquial (do coro nas missas, cultos fúnebres e enterros). O ato litúrgico, e especialmente a solenidade do ofertório, despertou no jovem uma afinidade com os enigmas da existência, sendo germe de uma religiosidade e reverência que proporcionaram um caminho vivencial para responder às suas inquietações existenciais.

É relevante dizer que esses sentimentos e inclinações relacionados aos rituais litúrgicos não foram influenciados por seus pais, que o educaram sem orientação religiosa específica (Steiner descreve seu pai como um “livre pensador”). Esse aspecto contribuiu para o isolamento entre aquilo que era vivido nos rituais da missa — assimilando, compreendendo o que para ele era a vida propriamente dita — e, por outro lado, os fatos e tarefas práticas do dia a dia, designadas a ele por seus pais. Não havia um compartilhar com sua família sobre aquilo que era aprendido e executado na igreja. Steiner diz ter se sentido um estranho em sua casa. Transitava novamente entre dois mundos. Assim como o mundo da natureza orgânica e inorgânica, que estiveram presentes em sua vida, de certa forma, ele se viu como um indivíduo que precisava interagir com tais contradições. Desse modo, também aqui, observa-se dois mundos: o viver sem religião, voltado às obrigações práticas, portanto, mais pragmático; e outra forma de viver, permeada de aspectos transcendentes e espirituais, que o realizava, por ser repleta de religiosidade.

Mesmo transitando entre mundos de antagonismo, observa-se a influência desse padre, juntamente com seu professor, permitindo talvez a concomitância entre o mundo da ciência e o mundo espiritual, fazendo ambos serem possíveis na vida diária de Steiner. Os conhecimentos sobre os mistérios do universo, nas aulas ilustrativas dadas pelo padre, se complementavam com sua devoção ao mesmo, demonstrada nas missas; o padre exercia influência, ainda, como um pensador ao tratar de questões que talvez estivessem relacionadas mais a um homem político. O papel do professor, também causou admiração para Steiner, transmitindo-lhe a possibilidade de "amar os desenhos" geométricos e se dedicar aos elementos sagrados que estavam representados nos rituais litúrgicos. Esses *outros* (o professor e o padre) permitiram a Steiner uma articulação coerente entre mundos que às vezes insistiam estar separados.

Mais tarde, quando Steiner ingressou na escola técnica, em paralelo com a atividade pensante que o envolveu na dedicação às novas disciplinas, ele também se aplicava ao estudo da doutrina religiosa, que já havia despertado sua empatia quando criança. Agora jovem, o interesse é pelo dogmatismo e simbolismo da religião, a descrição litúrgica e história da Igreja Católica. Esses ensinamentos religiosos eram vivenciados, de forma que forneciam a compreensão do mundo suprassensível, e isso se dava em parte por um caminho cognitivo que poderia ser construído com a educação do pensar. Esses estudos religiosos podem ter sofrido influência das experiências que quando criança desenvolvera: um sentido de reverência, de acolhimento e sentido de existência, ao frequentar e participar dos rituais religiosos, bem como no convívio com o padre, que em Steiner, deixara marcas muito positivas.

Aqui parece haver uma congruência entre os aspectos relacionados à religiosidade e as orientações dadas por Steiner para a educação e sugeridas na pedagogia Waldorf[14], com atenção especial para às práticas educativas que instruem as crianças do segundo setênio de vida (7 aos 14 anos) ao caminho dos valores morais e de dignidade humana. Essas práticas não evocam nenhuma religião específica, mas um sentimento de devoção e respeito para com o homem e a natureza (por exemplo, os versos que são recitados antes das refeições pelas crianças nas escolas e outras atividades que possam remeter à prática religiosa). Há

[14] A pedagogia Waldorf, de base antroposófica foi sugerida por Steiner primeiramente em 1919 para filhos de trabalhadores da fábrica de cigarros Waldir Astoria, em Stuttgart na Alemanha. A pedagogia está presente em 60 países, com aproximadamente 1.200 escolas, sendo 73 delas no Brasil (dados obtidos em 30/06/2013 nos endereços eletrônicos: www.federacaoescolaswaldorf.org.br e www.steinerwaldorf.org/).

na literatura antroposófica sugestões de meditações[15] dadas por Steiner, exercícios que são indicados para o fortalecimento das qualidades anímicas do *pensar, sentir e querer,* chamados de exercícios colaterais[16]; e contemplação de obras de arte[17]. Tais práticas, segundo ele, teriam ação terapêutica no homem.

4.1.4 Primeiros contatos com a história, literatura, linguística e filosofia: da escola técnica ao ingresso na Academia Politécnica

Foi um médico, Dr. Carl Hickel, da cidade de Wiener-Neustadt, que primeiramente fez com que Steiner (um pouco antes do ingresso na escola técnica) tivesse contato com a literatura alemã, mais precisamente com os pensadores Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781), Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) e Johann Friedrich von Schiller (1759-1805). Esse médico, ao caminhar com o ainda garoto Steiner pelas imediações da estação de trem em Neudörfl, fazia comentários sobre a literatura alemã com muito entusiasmo e desenvolvia ideias sobre conceitos de estética. Steiner valorizava o contato com esse outro (o médico) afirmando que, naquela época, não se falava sobre a literatura alemã em sua escola local, onde o foco era a história húngara. O mesmo ocorria em seu lar: seu pai se ocupava muito mais acerca de assuntos políticos do que com a literatura. Steiner conta que presenciava fervorosos debates que seu pai tinha com um colega de trabalho, que às vezes o visitava (Steiner, 1925/2006).

A amizade com esse médico então, permitiu-lhe adentrar por outros aspectos da relação eu-mundo que talvez nunca viessem a ser possibilitados pela escola de Neudörfl ou em sua casa. Assim, o campo cultural se abriria um pouco mais para Steiner, mediante essas conversas, essas interações eu-outro(s)/mundo(s). Conforme ele afirma: “E assim aconteceu, junto com o médico, todo um novo mundo ter penetrado em meu horizonte” (Steiner, 1925/2006, p.37). Mundo esse, o da literatura alemã.

---

[15] No livro “Ciência Oculta”, Steiner detalha os tipos de meditações que podem ser praticadas, porém ele deixa claro que as precondições para o trabalho meditativo seriam os seis exercícios colaterais referidos aqui.

[16] Os exercícios que serão referidos neste trabalho, são aqueles descritos no livro *O conhecimento dos mundos superiores* de R. Steiner (2004a), e no livro *Os seis exercícios complementares do coração etérico* de AthysFloride e Maurice Le Guerrannic (2008). São eles: 1) Controle do pensar. 2) Controle do querer. 3) Controle do sentir. 4) Tolerância interior. 5) Abertura da mente. 6) Equanimidade anímica.

[17] Steiner sugeriu a contemplação de doze imagens de Madonas pintadas por artistas renascentistas, como técnica terapêutica em numa clinica em Munique, na Alemanha, por volta de 1911.

Aos 15 anos de idade, já na escola técnica, estudou Kant intensivamente. Diz ter se sentido atraído pelo título do livro *Crítica da Razão Pura* ao se deparar com o volume em uma livraria em Wiener-Neustadt — até aquele momento não conhecia nada a respeito do filósofo. Esse livro foi estudado por ele em seu tempo livre e inclusive durante as aulas de história, que, segundo ele mesmo, eram entediantes. Steiner lera e relera o livro muitas vezes. Aqui vemos o despertar de um impulso para entender filosoficamente o pensar humano de sua época e de si mesmo: "Queria obter sólidos pontos de apoio para dar uma orientação correta ao meu próprio pensar" (Steiner, 1925/2006, p. 45). Ele percebia que, para obter uma adequada vivência do mundo espiritual, era necessário que o pensar atingisse uma configuração capaz de aproximar-se da essência dos fenômenos da natureza. "Eu ansiava por compreender a capacidade da razão humana em ter um real discernimento da essência das coisas" (Steiner, 1925/2006, p.48).

Assim, a *Crítica da Razão Pura* tornou-se a obra na qual Steiner debruçou-se, na esperança de compreender "como o pensar humano se situa diante do criar da natureza" (Steiner 1925/2006, p.44). Nesse momento, ocupava-se com a sua capacidade de pensar, em um processo autoeducativo para que assim pudesse apreender os objetos e acontecimentos do seu mundo.

Foi também com 15 anos de idade que estudou, de forma autodidata, os ensinamentos matemáticos de Heinrich Borchert Lübsen (1801-1864). Conceitos de geometria analítica, trigonometria, cálculo diferencial e integral foram precocemente compreendidos por Steiner, visto que ele ainda não havia se deparado com tais conteúdos na escola. Esses ensinamentos permitiram que ele voltasse a estudar outros livros que antes eram incompreensíveis, e que falavam sobre o movimento geral da matéria como causa básica de todos os fenômenos da natureza.

Os eventos históricos do mundo ganharam evidência nos estudos de Steiner, também nesse período, quando, ao ler *História Universal*, de Karl Von Rotteck (1775-1840), parece ter sido despertado para o interesse por acontecimentos da vida exterior a si mesmo. Outros autores como Johannes von Müller[18] (1752-1809) e Cornélius Tacitus[19] (50-116 d.C.) também lhe encantaram nessa descoberta da história.

A filosofia de Johann F. Herbart [20] (1776-1841) também o instigou nos últimos anos do colégio científico. Havia um professor de alemão e literatura que era seguidor de Herbart, e

[18] Historidor suíço.
[19] Historiador romano.
[20] Um pedagogo percursor da psicologia experimental aplicada à pedagogia.

travava alguns embates com o pupilo, por perceber que Steiner lia e estudava paralelamente algo que ele próprio também estudava, porém não mencionava em aula (os conteúdos de Herbart). Assim, Steiner sentiu necessidade de conhecer com mais profundidade aquilo que tanto o cativara nesse professor, como, por exemplo, a essência das imagens poéticas (como esse mencionava em aula). Como um desafio, adquiriu a obra baseada na filosofia herbartiana: *Introdução à Filosofia e uma Psicologia*[21].

Nesse mesmo período, estudara sozinho grego e latim, o que, segundo ele, era como se estivesse cumprindo paralelamente o curso do liceu clássico. Esses estudos foram motivados também pelas aulas do professor "herbartiano", que levava trechos de poesias gregas e latinas às aulas que ministrava (Steiner 1925/2006).

Houve outro professor, de história e geografia — Albert Löger — que, no último ano da escola técnica também influenciou Steiner. Era uma figura de militância política, entusiasta, com ideias progressistas liberais austríacas, porém não transmitia tais inclinações pessoais no ambiente escolar; entretanto, na opinião de Steiner, seria graças a essa participação na vida política ativa, que o professor conseguia envolver e cativar os alunos em suas aulas de história.

Vale destacar que nessa fase de aprofundamento em literatura e história, Rudolf Steiner, com 15 anos, iniciou suas atividades como professor particular, fornecendo reforço aos alunos de classes anteriores a dele. Também era encarregado de ajudar na elaboração das redações dos colegas de sua sala, o que reforça a ideia de que tivera um bom desempenho na escola técnica. Steiner relata que utilizava boa parte de sua capacidade criativa ao inventar temas diferentes para cada colega, e muitas vezes sentia a dificuldade em desenvolver os seus próprios textos, pois costumava elaborá-los somente depois de ajudar seus companheiros.

É importante trazer novamente a ideia de que Steiner interagia com mundos aparentemente divergentes, o orgânico e inorgânico, assim como com as diferenças entre um viver religioso e a ciência. Ainda que segundo sua experiência, esses dois mundos entrassem em consonância, na maioria das vezes essa religiosidade se colocava diante dele como incapaz de dialogar, principalmente com o viver prático e mecânico das rotinas diárias.

Havia, no entanto, em sua atitude, no seu agir, uma tentativa de trazer sentido, construir coerências entre tais dicotomias. Com isso em mente, podemos analisar sua experiência na escola técnica como um espaço focado na área das exatas, do conhecimento pelos sentidos, isto é, objetivos; e, em paralelo, sua busca e afinidade pelos conhecimentos

[21] Obras de Gustav Adolf Lindner.

subjetivos vindos da literatura, da aprendizagem de grego, latim e história. É como se, ao perceber sua necessidade interna, ele procurasse as peças que melhor se encaixassem em sua busca de coerência sobre os fenômenos da vida. Deste modo, como se estivesse desafiando o seu poder de compreensão, Steiner procurou muitas vezes de forma autodidata, edificar suas construções de sentido.

4.1.5 Aprofundamento filosófico e suas primeiras teorias na Politécnica em Viena

Durante suas férias de verão, aos 18 anos de idade, antes de ingressar na universidade em Viena em 1879, Steiner mergulhou novamente na filosofia, de forma autodidata, ao estudar a filosofia de Johann Gottlieb Fichte, iniciando pelo livro *A Teoria da Ciência.* Os interesses de Steiner nessa obra estavam na ideia de que Fichte superaria as teorias de Kant e poderia levá-lo a um aprofundamento, um caminho pelo qual pudesse expressar que o eu humano ativo, ao contemplar-se ele próprio nessa atividade, obteria algo de espiritual na consciência. Em suas palavras: "Meus esforços por conceitos científico-naturais haviam-me levado finalmente a ver na atividade do 'eu' humano, o único ponto de partida possível para um verdadeiro conhecimento" (Steiner, 1925/2006, p.54). Ao ler esse livro, mesmo considerando-o fundamental para o seu pensar, Steiner diz ter reformulado a teoria de Fichte, segundo suas próprias ideias. Em sua autobiografia afirma ter produzido um longo manuscrito depois do esforço que empenhou ao compreender a obra de Fichte.

Outras duas obras de Fichte: *Sobre a Determinação do Homem Erudito* e *Sobre a Essência do Homem Erudito,* refletiram em Steiner (1925/2006) como um ideal a ser atingido para si mesmo. Ele ansiava por um entendimento maior de Kant, e após ter estudado *a Crítica da Razão Pura*, lera *Prolegômenos a Toda Metafísica Futura*, com a intenção de entender ainda mais o autor. Procurou tal compreensão nos sucessores de Kant: Traugott Krug, C. A. Thilo e posteriormente em Schelling e Hegel. O que resultou dessa pesquisa foi um entendimento da época de Kant e a evolução do pensamento filosófico depois dele. Nessa época, Steiner narra ter se confrontado com a diferença entre os pensamentos de Fichte e Herbart.

A divergência primordial entre os pensamentos de Kant e Steiner repousa primeiramente na diferença de abordagem sobre a cognição humana. Segundo Steiner (1883/1984), Kant já teria partido da pergunta "*como é possível, a cognição?",* enquanto o

correto, em sua visão, seria iniciar o processo reflexivo com a seguinte questão: "*o que é conhecimento?" (p.85).* Em poucas palavras, Kant começa com a concepção de como adquirimos conhecimento. Para ele, esse processo estaria intimamente ligado à forma pela qual nossos sentidos estão organizados — conceitos relacionados à percepção, originários do mundo físico. O mundo, embora subjetivo para Kant, é apresentado para o homem de acordo com organização dada pelo intelecto. Na visão de Steiner, participamos do mundo espiritual por meio dos conceitos que pensamos, sendo tais conceitos não derivados do mundo sensorial, físico, mas sim de algo que já vive conosco, que está dentro de nós. Tais conceitos, portanto, seriam possíveis através da participação ativa do homem. A esta participação ativa, ele chamou de *intuição.*

As diferenças entre a filosofia de Kant e as ideias de Steiner foram se destacando para este último, desde suas primeiras leituras do autor, e firmaram-se ainda mais antagônicas à sua visão, à medida que estudava as ideias de Goethe, pois se identificava com este. Apoiava-se, portanto, nas "razões" pelas quais o pensamento de Goethe discordaria do de Kant.

Partindo da noção de que haveria tensão, de acordo com Simão (2010), na configuração do campo dialógico se neste espaço ocorressem ideias opostas, de forma que as mesmas pudessem interferir na relação eu-outro-mundo, vários elementos estariam presentes para que esse campo se mantivesse ou não. A existência de tensões poderia levar a ressignificações, consensos, conclusões ou até rupturas. Esse aspecto, então, pode ser identificado em Steiner, na busca da construção de seu conhecimento, isto é: lidar com ideias opostas, mas que de certa forma, em determinados conceitos, pareciam- lhe eram coerentes, portanto o seu campo dialógico se mantinha como tal.

À medida que ele identifica, nos pensadores estudados, aspectos de simetria (o fato de envolver-se com a obra de Fichte a ponto de utilizá-la como modelo ideal), percebe também assimetrias diante do pensamento tanto de Fichte e de outros pensadores (Steiner reformula aquela teoria que estudou de Fichte, que ele mesmo declarava como fundamental). Ao longo de sua narrativa biográfica, Steiner demonstra não cessar ou rejeitar bruscamente com este ou aquele pensamento, mesmo que lhe pareçam contraditórios; mas sim, busca integrá-los, ampliá-los, por meio de sua compreensão.

4.2 As impressões mais profundas sobre Goethe, por intermédio de Karl Julius Schröer e tensões na relação mestre-pupilo

No início da vida estudantil na Academia Politécnica em Viena, Steiner matriculou-se em matemática, história natural e química. Foi lá que conheceu Karl Julius Schröer, seu professor de literatura alemã e retomou seu interesse por Goethe (que fora cativado desde a infância pelas conversas com o médico em Neudorlf[22]), graças ao entusiasmo do professor, que expunha nas aulas sua opinião a respeito do impacto que Goethe causara na vida espiritual alemã na segunda metade do século XVIII. Steiner, mais adiante, concorda com essa opinião, principalmente ao trabalhar nos escritos científicos de Goethe em Weimar. O impacto de Goethe fora de extrema importância ao estabelecer uma segunda corrente no pensamento alemão. Para Steiner, a primeira seria aquela à qual direcionavam os conceitos filosóficos de Kant; e a segunda corrente, aquela que se assemelhava às ideias de Goethe (Steiner, 1883/1984; 1892/1981).

Tendo em Schröer novamente o despertar para a literatura alemã, Steiner (1925/2006) confirma: "Fui cativado desde sua primeira aula [....] O calor de seu modo de tratar o assunto de maneira entusiasmante com que ele (Schröer) lia textos dos poetas, no contexto das aulas, introduziam um modo intimista na poesia" (Steiner,1925/2006, p.56).

Os germes da ciência filosófica chamada antroposofia (como mencionado anteriormente, a sociedade antroposófica foi fundada em 1913, em Dornach, na Suíça) começaram a florescer no pensamento de Steiner muito cedo, sob a influência de muitos aspectos por ora narrados neste texto. Percebe-se em sua autobiografia, de forma precoce, a curiosidade e o questionamento sobre mistérios da vida em tenra infância. Mas foi aos 19 anos, ao estudar a literatura alemã, estimulado pelo mestre Schröer, que iniciou a leitura de *O Fausto*, de Goethe. Aqui vemos o surgimento de fato de sua investigação sobre a obra poética e científica daquele poeta. Sabe-se, assim, que o desenvolvimento das ideias filosóficas de Rudolf Steiner até o surgimento da assim chamada antroposofia, ocorreu sob a influência muito determinante do pensamento de Goethe.

A primeira parte de *O Fausto* havia sido editada por Schröer, fato que fortaleceu mais ainda os laços professor-aluno, visto que Steiner já admirava Goethe. Sendo assim, era de se esperar que o aluno quisesse estar próximo àquele professor. Para a felicidade de Steiner, ao

[22] vide página 49, tópico 4.1.4

frequentar a casa do mestre, escutava comentários e explicações extras sobre as aulas já dadas, além de acompanhá-lo na edição da segunda parte da obra de Goethe, na qual Schröer também trabalhava.

Schröer é descrito por Steiner como um homem nada sistemático, regido por sua intuição, que expressava-se de forma espontânea e era criticado pelos pensadores ligados ao positivismo científico da época. Segundo Steiner, Schröer o aquecia espiritualmente: "Quando eu vinha em visita à pequena biblioteca de Schröer, sentia-me numa atmosfera espiritual intensamente benfazeja à minha vida anímica" (Steiner, 1925/2006, p.85). Nesses encontros em sua casa, o professor declamava as peças de Natal trazidas pelos alemães imigrantes à Hungria. Schröer era um grande conhecedor da língua e literatura alemã e estudava também os dialetos alemães desses povos imigrantes, o que possibilitava a Steiner acompanhar a relação entre dialeto e língua erudita. Essas experiências traziam grande alegria ao aluno, pela forma "viva" e entusiasmada com a qual Schröer se expressava.

Steiner relata um ir e vir no mundo de suas descobertas, ao mergulhar nas ciências naturais e também na filosofia (já havia estudado Kant e Fichte). Enxergava nessas disciplinas algo que as interligavam entre si, que as complementava. Posso supor que essas apreensões o ajudaram a formar seus conceitos na fase adulta, principalmente a partir dos 20 anos, de forma que ele pudesse explicar e estabelecer uma correlação com os pensamentos de Goethe.

Nesse momento, Steiner se viu um pouco sozinho ao caminhar nas trilhas do conhecimento científico de Goethe. O apoio e incentivo fornecido por Schröer eram, em sua maior parte (talvez total), orientados pela literatura de Goethe, não parecendo, portanto, que o mestre se interessasse em articular as ideias científicas goethianas com as ciências naturais. Steiner, por sua educação desde cedo ter sido focada nas ciências naturais e por seu próprio espírito engajado nesse campo do saber (vimos os exemplos já citados de sua relação com a física, geometria, etc.), tinha nessa circunstância de sua vida se deparado com o grande desafio de identificar quais seriam as bases do método goethiano, para depois considerá-lo epistemologicamente. Essa tarefa assim se constituiu, quando Steiner chegou às obras científicas de Goethe: primeiramente a *Teoria das Cores*, quando se deparou com a necessidade de compreender os conceitos sobre luz[23] que lhe eram trazidos pelos físicos de sua época; posteriormente, ao estudar anatomia, foi levado à *Teoria da Metamorfose* e a outros conceitos científicos de Goethe.

[23] Para uma compreensão a esse respeito, detalhes em sua autobiografia, página 89.

Foi por meio de seu trabalho para a Literatura Nacional Alemã (Deutsche National-Literatur) que, aos 22 anos, tornou-se responsável pela edição dos escritos científicos de Goethe, por indicação de Schröer. Nesse momento, que Steiner pôde se aprofundar no método de conhecimento de Goethe. Escreveu nesse período (1880 a 1886) *A Obra Científica de Goethe* e também *Fundamentos para uma Gnosiologia da Cosmovisão de Goethe,* nos quais estabelece as bases filosóficas para reconhecer na natureza as manifestações do espírito. O desafio cada vez mais evidente de compreender o método científico de Goethe ganhou mais notoriedade, quando Steiner foi convidado a trabalhar na edição das obras científicas de Goethe em Weimar, em 1890, nos arquivos Goethe-Schiller, aos 29 anos de idade. Esse trabalho durou sete anos.

A continuidade de seu trabalho nas obras de Goethe, principalmente nos anos em Weimar, favoreceu o desenvolvimento da tese de doutorado de Steiner[24], que depois foi editada no livro *Verdade e Ciência*.

A suposta "falta" (aspas minhas) por parte de Schröer, em não orientar Steiner nas questões científicas de Goethe (que se coadunaria com as ciências naturais) parece ser "preenchida" (aspas minhas) na indicação de Steiner para trabalhar como editor das obras científicas de Goethe para a Literatura Nacional Alemã, fato que resultou no posterior convite de trabalho em Weimar. Talvez, ao enxergar no jovem essa capacidade, tenha se sentido impelido a fazer essa recomendação, como se estivesse "premiando-o" com essa incumbência. Schröer, inclusive, fez um prefácio para o primeiro volume no qual Steiner trabalhara, atribuindo a este a tarefa de resgatar para a época aquilo que havia se perdido sobre Goethe. Para Schröer, Goethe havia atingido uma expressão espiritual que merecia ser recuperada, portanto, por meio de Steiner.

A interação mestre-pupilo, todavia, sofrera abalos por divergências entre perspectivas. Como já colocado, o lado extremamente intuitivo e improvisado de Schröer não agradava certos acadêmicos de sua época. Mas era tal intuição, tal maneira espontânea, que encantava Steiner.

O não compartilhar de algumas ideias entre eles gerou um incômodo em Schröer. Tal desacordo se deu por causa da inclinação teórica de Steiner à filosofia de Herbart, com a qual Schröer não compactuava. Nos anos em que Steiner estudava na escola técnica[25] a filosofia de Herbart já havia lhe despertado interesse. Assim, como adolescente, estudou com muita disciplina na tentativa de compreender o pensamento daquele professor da escola técnica, com

[24] Doutorado em filosofia realizado em Rostock, na Alemanha, em 1891.
[25] Ver página 51.

o qual travava conflito. O tema central era a liberdade psicológica do ser humano. Agora na universidade, Steiner trazia novamente esse assunto, sob a visão herbartiana da liberdade humana — e, para ser ainda mais desagradável para seu professor, Steiner apresenta tal especulação teórica como tarefa, na disciplina oferecida por Schröer.

A filosofia de Herbart é retomada por meio de outro professor, Robert Zimermann. Steiner escutava suas palestras na universidade, deixando-se impressionar pela "firmeza de sua sequência de pensamentos...., como se ele mesmo houvesse moldado, em longa disciplina, conforme os princípios estéticos de Herbart" (Steiner, 1925/2006, p.58).

A influência de Zimmermann em Steiner foi tão grande que, tendo ouvido dele o termo antroposofia pela primeira vez, escolheria esse nome no futuro para designar a sua teoria do conhecimento[26] (Steiner, 1925/2006).

Na mesma época que assistia a palestras de Zimmermann, Steiner também comparecia às de Franz Brentano (1838-1917), filósofo que, na visão de Steiner, era um perfeito "pensador lógico". O interesse por esse homem foi bastante profundo, levando Steiner a querer ler quase toda a sua obra. Esses estudos trouxeram-lhe questões cada vez mais aprofundadas sobre o enigma espaço-tempo e que o levaram novamente à filosofia, como tentativa de responder a suas inquietações.

Mais uma vez a discrepância e o antagonismo estavam presentes na vida de Steiner: de um lado, a forma intuitiva, solta, espontânea, repleta de vida e calor, representado pela figura de Schröer, e, do outro, a ordem e a estrutura dos pensamentos de Zimmermann e Brentano. Os dois lados eram agradáveis a Steiner. Havia a identificação e admiração para com o mestre Schröer, porém muitos outros também lhe eram interessantes, trazendo coerência e sentido ao seu pensar. Esses outros pensamentos sanavam supostas necessidades geradas em Steiner, como se essas oposições fossem complementares, e não excludentes.

A impossibilidade de coincidência entre visões (Simão, 2010) pode ser representada, quando mestre e pupilo, em um momento de tensão dialógica, enfrentaram outro choque de visões, porém dessa vez, bastante inclinado à ruptura entre os dois. Por sugestão do próprio Schröer, Steiner conta ter se deixado envolver pelas obras da poetisa Marie Eugenie Delle Grazie. Ele assistia a recitais na casa dela e recebeu um convite para fazer parte do grupo de pensadores e artistas que frequentavam tais encontros (Steiner, 1925/2006). Schröer também

[26] O nome antroposofia, que Steiner usou para caracterizar sua teoria do conhecimento, foi escolhido devido à sua identificação com as ideias de Robert Zimmermann (1824/1898), que escrevera um livro chamado Antroposofia como um Projeto de uma Visão de Mundo Ideal de Base Realista.

fizera parte desse grupo, até sentir-se repudiado pelo excesso de pessimismo nas obras daquela poetisa (ele não concordava que a arte pudesse ser expressa daquela forma). Ao decidir não mais frequentar o grupo — e talvez por esperar um compartilhamento da mesma atitude por parte de Steiner, o que não ocorreu — teve a impressão de que seu pupilo estaria mais inclinado a permanecer no círculo dos artistas envolvidos pelo pessimismo e pelo lado sombrio da existência.

Steiner havia realmente se envolvido nesses encontros e narra, em sua autobiografia, o quanto aquela atmosfera pessimista o abalava e ao mesmo tempo o quanto se via interessado por ela, dizendo: “Tais contrastes existentes no mundo devem encontrar em algum lugar sua harmonia” (Steiner, 1925/2006, p.107).

O ápice do desagrado de Schröer ocorre ao ler um ensaio escrito por Steiner, no qual comentava um poema de Delle Grazie sobre a característica ilusória da natureza. Esse fato o levou a pensar que havia um grande mal-entendido em tudo aquilo o que havia ensinado a Steiner (Steiner, 1925/2006).

Esse conflito — o pessimismo, o horrível, o deplorável, aquilo que é expresso como o contrário do ideal humano, em contraste com o belo, a harmonia — talvez tenha sido um dos mais custosos para Steiner, considerando o afeto e conexão existentes na sua relação com Schröer. Segundo Lachman (2007), esses encontros com o grupo de Delle Grazie podem ter influenciado a ideia mais tarde desenvolvida por Steiner sobre as forças opostas, *luciféricas* e *arimânicas.* Fazendo uma sucinta descrição, as primeiras dizem respeito a um grupo de forças que impelem o homem ao espírito, à transcendência, ao conhecimento no seu mais elevado nível; já as *arimânicas* seriam aquelas forças que impulsionam o homem aos sentidos, mais relacionadas à matéria. Ambas as forças, segundo Steiner, eram destrutivas ao homem caso ele sucumbisse aos seus apelos; porém eram necessárias ao desenvolvimento e evolução da humanidade.

Trazendo essas forças como geradoras de tensões criativas, posso analogamente ir ao conceito gerador da novidade (quando Simão (2010) fala sobre a relação entre os diferentes e sobre a possibilidade do aparecimento da novidade como um componente transformador na vida do sujeito, tanto para si mesmo como para os outros e a cultura).

A busca pelo consenso na relação Steiner-outros esteve presente em sua vida, assim como as tensões, as assimetrias e as tentativas de integrá-las. Podemos observar tais dinâmicas por todo o desenrolar do desenvolvimento de seus conceitos; esse processo permeou sua busca espiritual-filosófica-científica. Os movimentos de aproximação e afastamento na relação dialógica Steiner-Schröer, se nos ativermos à perspectiva aqui adotada

(a do CSC em psicologia), significa preservação de eu e de outro, como diz Simão (2010). A interação Steiner-Schröer pode ser interpretada como recorrentes “idas e vindas”, vistas como empatia intensa ideológico-afetiva, além de momentos vivenciados como uma impossibilidade de coincidência (Simão 2010), resultando posteriormente em uma ruptura.

A interação entre eles foi, sem dúvida, ideológico-afetiva ou, como chamei no início deste capítulo, cognitivo-emocional — e Steiner é explícito ao descrever essa relação dupla. Ao se referir à “grande dor” que experimentou nesse episódio com o mestre, lamenta a decepção que o mesmo tivera com ele; ao mesmo tempo, tenta mostrar como compreendeu essa postura de Schröer, baseando-se em sua visão, isto é, entendendo o ponto de vista de seu professor.

A busca de consistência do sujeito (Boesch, 1991) assim como o papel desse processo na formação de sua identidade de forma que pode estar relacionado às coordenações de ações do indivíduo em sua cultura-mundo são conceitos, que podem auxiliar na compreensão do percurso de Steiner, no seu processo de contínua transformação ao se deparar com diversas visões e vivenciar suas experiências com as mesmas. Concomitantemente, tendo as suas convicções, busca manter sua estrutura para “não se perder no outro” (Simão, 2010).

Em alguns momentos, Steiner sacrifica certos laços afetivo-emocionais ao perceber em si certos aspectos que divergem de outros, sem deixar de expressar seu pesar por tais separações, e mostra gratidão pelo compartilhar (mesmo que temporário) que pôde nutrir com tais interações.

A grande gratidão que Steiner atribuiu a Schröer, vejo, seria principalmente pelo despertar do interesse em aprofundar-se na visão e no método de Goethe. Visão esta, que foi a base para criar uma epistemologia que fizesse a ligação entre as ciências naturais e espirituais.

> A visão goethiana da natureza torna-se uma visão que, ao seguir gradativamente o devir natural do inorgânico para o orgânico, transfere pouco a pouco a Ciência Natural para uma Ciência do Espírito.... (Steiner, 1925/2006 p.102).

Além de se envolver nos ensinamentos predominantemente transmitidos por Schröer e possuir uma grande inclinação à filosofia, às artes à literatura Steiner se dedicava ao campo das ciências naturais, o qual nunca abandonara. Na universidade, em Viena, dedicou-se cada vez mais à física (especificamente às leis de conservação de calor), à matemática e à geometria sintética. Essa busca resultou para ele em uma fusão do conhecimento entre os

saberes da ciência natural e do mundo espiritual. Steiner procurou, ao longo de sua vida, por uma epistemologia não reducionista, que compreendesse a união de consciência (podemos nos referir aqui, como cognição ou conhecimento) e do cosmos — com intenção de construir uma ponte capaz de unir o mundo cognitivo pensante, tanto no campo físico e perceptível como no suprassensível.

Conforme compreendemos pela perspectiva do construtivismo semiótico-cultural em psicologia, o desenvolvimento psicológico é visto como um processo de construção individual que abrange o período do nascimento à morte, a partir das interações eu-outro-mundo, as quais envolvem os aspectos cognitivo-emocionais vivenciados pelo ser humano. Assim sendo, posso dizer que este capítulo apenas explorou uma parte do processo de construção que se desenrolou na vida de Steiner, isto é, até o final de seus anos acadêmicos.

A decisão por cessar nesse período, por volta do ano de 1897, como já mencionado na introdução deste trabalho, ocorreu-me com a "dica" do próprio Steiner. Em sua autobiografia, ele cita que, após o período em Weimar, sofreu profundas transformações em sua alma (momento que envolve o ingresso na Sociedade Teosófica, seu envolvimento no esoterismo cristão e a fundação da antroposofia). Vejo o período pós-Weimar como um divisor de águas no período retratado nesta pesquisa, isto é, o momento epistemológico germinal ao qual Steiner se debruçou. Destaco que, no fim de 1897 — até onde exploro suas vivências cognitiva-emocionais — Steiner estava com 36 anos. Sendo assim, foge do objetivo deste estudo fazer um olhar biográfico completo daquilo que supostamente seria cognitivo-emocional em toda a vida de Steiner; deixo a ideia para uma futura pesquisa.

No capítulo seguinte, entretanto, continuaremos a analisar os aspectos cognitivo-emocionais, sobre um tema que, para Steiner, foi de grande peso e importância até o fim de sua vida, porém iniciara em sua juventude: a cosmovisão de Goethe.

A necessidade de tratar do tema em outro capítulo deu-se devido à particularidade desse período vivido em Weimar (Steiner destaca esse momento) quando, durante sete anos, mergulhara nos escritos de Goethe. Além da solidão, havia o seu empenho em cumprir a tarefa à qual fora designado, que resultou em duas obras: *A obra científica de Goethe e O método cognitivo de Goethe: linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goethiana* .

Veremos, portanto, as linhas gerais do olhar steineriano sobre Goethe, que, inseparavelmente, estão imbuídas de suas impressões cognitiva-emocionais.

5 Linhas gerais sobre os aspectos científicos (cosmovisão) de Goethe, na perspectiva de Steiner

Como já mencionado, foi por meio do professor Karl Schröer que Steiner aprofundara-se em seus estudos sobre Goethe. É importante destacar a dedicação desse mestre, no que se refere à literatura e à filosofia clássicas alemãs, que não eram muito apreciadas naquele contexto (época e local). Assim, além de Goethe, estudavam escritores e filósofos como Fichte, Herder, Lessing e Schiller. Mas foi por Goethe que Steiner declarou sua maior identificação e conforto, segundo ele mesmo diz no prefácio à segunda edição de seu livro *O método cognitivo de Goethe.* Ele afirma que percebia, na visão de mundo de Goethe, uma coerência e um sentido de realidade que não observava em outras teorias filosóficas de sua época, isto é, em meados de 1880. Segundo o próprio Steiner, seu pensamento debruçava-se entre a visão de Goethe e as outras filosofias advindas dos teóricos neokantianos, como Otto Liberman (1840-1912), Joanes Volkelt (1848-1930) e Eduard von Hartmann (1842-1906).

Steiner se deparava com a perspectiva de vários pensadores no tocante à limitação da capacidade cognitiva do ser humano, com a qual ele não concordava. Em sua opinião, seria por meio do aprofundamento da atividade do pensar, que o homem poderia "experienciar" esse pensar dentro da realidade do mundo e, assim, compreenderia também a realidade espiritual — esta última, para ele, tão real quanto a realidade perceptível pelos sentidos.

Como já mencionado, Steiner fala da existência de duas correntes do pensamento alemão no final do século XVIII (a primeira, embasada no pensamento de Kant e a segunda, em Goethe, à qual pertenciam também Herder, Lessing e Schiller). As inclinações e ideias de Steiner estavam apoiadas na segunda corrente. Sob a influência dos pensadores introduzidos por seu professor, distanciava-se, portanto, do pensamento kantiano e formava as bases para uma compreensão mais aprofundada sobre Goethe.

5.1 Cosmovisão goethe-schileriana, segundo Steiner

Veremos agora que duas personalidades exerceram influência no modo que Steiner absorveu e interpretou a maneira de pensar de Goethe. Uma delas — já foi discutida no capítulo 4 (item 4.2) — foi indubitavelmente, seu mestre Schröer, com presença marcante. A

outra personalidade (introduzida por Schröer em suas aulas) seria a de Schiller. Vale salientar que Goethe e Schiller eram amigos e compartilharam a mesma época.

Admirador de Goethe e em contato com suas poesias, Schiller desenvolve uma noção sobre o ideal de artista, conforme o que havia observado e reconhecido no próprio autor. Schiller consegue descrever aquilo que, para ele, seria a natureza da verdadeira arte. Para Steiner, Schiller foi aquele que melhor enxergou o modo como Goethe entendia a natureza e a vida, além daquele que melhor traduziu a grandeza do poeta, retratando fielmente a sua personalidade.

Alguns pensadores dizem que Steiner consolidou a metodologia goetheana decifrando algo já mencionado pelo poeta. O que Steiner fez foi elaborar uma teoria do conhecimento na qual estivesse implícita a cosmovisão de Goethe, e, cujo método, fora extraído do modo como Schiller o observara. Portanto, foi por meio do olhar apontado por Schiller que Steiner encontrara o método para melhor compreender Goethe. A seguinte citação de Steiner[27] (1886/2004) pode nos ajudar a entender um pouco mais essa explicação:

> O olhar de Goethe se dirige à natureza e à vida; e o seu modo de observação deverá ser o tema (o conteúdo) do nosso tratado; o olhar de Schiller é dirigido ao espírito de Goethe; e o seu modo de observar deverá ser o ideal do nosso método (p.29).

Além de trazer o método pelo qual Steiner pôde observar o pensamento científico de Goethe, a leitura de Schiller contribuiu para Steiner extrair uma noção da possibilidade de desenvolvimento humano, estudando mais especificamente as *Cartas sobre a educação estética do homem*, de Schiller. Para tanto, seria necessário que o homem atingisse um equilíbrio criativo entre o mundo do pensar e dos sentidos, isto é, entre o mundo do intelecto e da percepção. Esse equilíbrio criativo seria um estado de consciência, denominado por Schiller como consciência estética. Para Steiner, tal disposição estética levaria o homem à possibilidade de conhecer, por meio de um pensamento claro e treinado, uma realidade na

---

[27] O livro *Grundlinien einer Erkenntnistheorie der Goeteschen Weltanschauung mit besonderer Rücksicht auf Schiller*, de R. Steiner, publicado em 1886, foi traduzido para o português como: *O método cognitivo de Goethe: linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goethiana.* Notemos que o nome de Schiller aparece apenas no título em alemão, idioma original. Em português, teríamos algo como: "Linhas básicas para uma cosmovisão goethiana com especial consideração de Schiller".

qual sua consciência comum normalmente é afastada, tornando-se apto a vivenciar a beleza do mundo (Steiner, 1925/2006).

Exponho, a seguir, algumas ideias principais de Goethe, apreendidas e elaboradas por Steiner, especialmente quando inicia seu aprofundamento nos escritos científicos de Goethe. Nesse momento, duas obras foram geradas[28] (entre 1880 e 1886) e as vejo como essenciais para a compreensão da construção de conhecimento goethiano de Steiner. Foge do escopo deste trabalho redigir um aprofundamento teórico de tais conceitos, porém selecionei aqueles que, para mim, são elementos-chave para o entendimento do que Steiner chamou de antroposofia; visto que muitos dos conceitos que extraiu de Goethe, encontram-se na ciência antroposófica, por ele fundada.

5.1.1 Cosmovisão goethiana por Steiner: conceitos apreendidos sobre natureza, noção de tipo e metamorfose

Em alguns momentos, ao ler os escritos de Steiner sobre Goethe, nota-se uma dificuldade para identificar a autoria dos conceitos sobre os quais explicita. Embora ciente das eventuais perdas devido à tradução, (as obras consultadas para este trabalho estão em português e inglês, e não no idioma original, o alemão) lê-se trechos em que Steiner expõe ideias de sua autoria; ele deixa claro que são suas, entretanto, é também visível a autoria de Goethe, ora explícita ora implicitamente. Destaco o fato de que Steiner estava imerso e envolvido cognitivamente e afetivamente com o modo de pensar de Goethe, portanto os processos de objetivação e subjetivação já atuavam em sua forma de escrever. Procurarei, todavia, reproduzir os conceitos, conforme meu entendimento, apontando as autorias que pude identificar.

Sobre a natureza

Podemos iniciar com o conceito *natureza*, primeiramente analisando em termos gerais, que no sentido dado por Steiner é uma entidade em estado duradouro, porém sujeita a transformações, mediante metamorfoses; e embora suas leis sejam imutáveis, está em

[28] A obra científica de Goethe, publicada em 1883 e O método cognitivo de Goethe: linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goethiana, em 1886.

movimento constante (Steiner, 1883/1984). Este conceito de *natureza* englobaria todos os fenômenos da vida, dentre os quais os de natureza orgânica e inorgânica.

Os seres vivos, a vida por si só, faria parte da natureza orgânica e seria neles em que encontraríamos a chave para o entendimento de seus próprios processos de transformações. Os fenômenos observados nos seres vivos e na vida em si deveriam ser o foco de toda ciência. Para Steiner, Goethe expressou que seria necessário manter a vivacidade encontrada na *natureza orgânica* para compreender aquilo que está vivo e em processo de transformação. Somente assim, dar-se-ia a verdadeira investigação científica.

É importante ressaltar que, até o início do século XIX, a ciência se confrontava com a ambição de utilizar as leis da física clássica (que vemos, contemporaneamente, como de cunho reducionista e racionalista) ao estudar os organismos, a vida. A visão estava centrada na maneira de controlar e predizer os fenômenos do mundo inorgânico, atividade que a física propunha e desempenhava muito bem. Assim, a única maneira tida como científica para abordar os seres vivos seria embasada nos pressupostos da ciência inorgânica, e esta, por muito tempo, explicou a ciência orgânica.

A *natureza inorgânica*, em termos goethianos, é uma atividade da natureza resultante de fatores que se confrontam exteriormente, isto é, dependente de condições externas. A relação entre dois objetos é condicionada pelo fato de uma coisa poder exercer uma determinada influência sobre a outra, transferindo suas propriedades (Steiner, 1886/2004). O fenômeno seria o resultado da relação causa e efeito.

Ainda que contrariasse a forma reducionista e racionalista de se justificar a natureza orgânica, o modo goethiano de fazer ciência, segundo Steiner (1886/2004), não deixava de reconhecer as leis do mundo inorgânico e não duvidava que as leis da física explicassem certos fenômenos. A crítica advinha, contudo, quando era assumida a primazia das leis inorgânicas como única forma de se fazer ciência. Para o modo goethiano de pensar, não poderíamos continuar seguindo as leis do mundo inorgânico para obter um verdadeiro conhecimento sobre o mundo orgânico, isto é, dos seres vivos e da vida.

Steiner (1886/2004) critica o empirismo da sua época, dizendo que o método indutivo utilizado pelos cientistas não adentra nos fenômenos, mas permanece exterior a eles, e suas leis são apenas generalizações. *Afirma Steiner: "Ele, o método indutivo, vê um fenômeno que, em determinadas condições, sucede de determinada maneira; uma segunda vez, vê, sob condições semelhantes, surgir o mesmo fenômeno" (p. 81).*

Entretanto, esse modelo causava (e ainda causa) impasses, principalmente pelo fato de a natureza dos organismos vivos ser regida por outras leis, que envolvem o

desenvolvimento (são inacabados). Morange (n.d.) diz que a ciência da atualidade (a partir do século XX), depositou confiança na descoberta do DNA (biologia molecular), ansiando uma futura resposta à antiga questão "o que é vida?" (questão que retornara no século XIX), mas se deparou com limitações ao perceber que o modelo criado de descrição do código genético não era satisfatório. Atualmente, para a biologia, a resposta estaria sendo buscada nas vertentes da teoria da complexidade dos organismos.

A compreensão da vida operaria no mundo orgânico uma importante *chave* para o entendimento de seus processos de transformações, assim, necessitava de uma nova metodologia de pesquisa — o que justificava, para Steiner, no final do século XIX, o retorno ao pensamento de Goethe para fundamentar uma nova epistemologia.

Para ele, existem leis na natureza, do mundo orgânico, assim como existem leis do mundo físico para o mundo inorgânico, que realizariam processos de metamorfose, ou seja, uma forma se transformaria em outra, em um processo dinâmico que somente a vida pode conter.

Conceitos sobre a metamorfose

Steiner conceitua que, para Goethe, qualquer organismo possuiria a capacidade intrínseca de assumir formas variadas, apropriadas, condizentes com seu mundo exterior. Diferentemente das ideias de Darwin, que valorizava o meio exterior como responsável pelas transformações da natureza (teoria da evolução), na visão de Goethe, era como se existisse um princípio constitutivo, uma essência, que teria a capacidade de criar. O meio, as forças externas, dariam a possibilidade de essa essência se transformar.

Na natureza inorgânica, torna-se característica a imutabilidade, os estados definitivos do objeto. De forma contrária, na natureza orgânica, observa-se um constante vir a ser, a transitoriedade de estados, a evolução de um a partir de outro. Seria no todo de sua essência que o ser orgânico encontraria a possibilidade de uma infinita transformação, "produzindo a multiplicidade a partir da unidade" (Steiner, 1883/1984, p.22).

Uma tendência unânime entre os cientistas da época de Goethe era, ao tentarem investigar o organismo, defrontarem-se com a falta de capacidade cognitiva ou de uma disposição para tal capacidade. Fundamentaram, portanto, uma observação dos seres vivos, no que diz respeito à finalidade dos mesmos. Sendo contrário a essa visão, Goethe acreditava que a especulação sobre o ser vivo estaria na sua própria natureza. Sua investigação estava orientada à observação de como algo se desenvolve, e não para o que serve (finalidade). Os

seres vivos eram observados como um algo inacabado, bem como em suas transformações. Esta atitude, sim, levaria ao conhecimento da sua origem.

Steiner tece um comentário lamentando que, até a época em que escreveu seu livro O método científico de Goethe, em 1886, os cientistas não haviam avançado no que se refere ao método empregado na observação dos seres vivos, fixando-se no modelo da física clássica. Ele também faz uma crítica à biologia, especialmente a Haeckel e à fundamentação darwiniana.

Ao falar sobre o evolucionismo, Steiner critica a falta de questionamento sobre o caráter de determinada espécie, de acordo com as circunstâncias externas — fato que não conseguiram, na verdade, demonstrar. Ele acredita sim que as formas orgânicas se desenvolvem umas das outras, mas não somente como descritas no darwinismo, de forma objetiva e linear.

> *Nós estamos em plenas condições de dizer que, sob o efeito desta ou daquela circunstância, uma espécie teve de desenvolver-se de modo a moldar este ou aquele órgão em particular, mas o conteúdo, o que se refere especialmente a um órgão, não se faz deduzir das condições externas.... a forma especializada deve ser deduzida de um princípio interno....(Steiner, 1886/2004, p.88 e 89).*

Este princípio interno que se autodetermina sob as influências externas — como se no particular existisse algo que se manifestasse em certa generalidade e também num organismo específico. Existe então uma imagem genérica do organismo, que Goethe chamou de "tipo".

O conceito de "tipo", em Goethe

Nas palavras de Steiner (1886/2014, p. 91): "O tipo desempenha no mundo orgânico o mesmo papel que a lei natural no inorgânico".

O "tipo" seria um organismo genérico imagético, que *não* se encontraria realizado em sua perfeição em nenhum ser vivo; ele somente poderia ser apreendido pelo nosso pensar racional: seria a ideia do organismo. Deste "tipo", derivariam todos os seres especializados e todas as formas apareceriam como consequência dele.

Goethe explorou em seus ensaios a ideia do "tipo" como uma manifestação arquetípica interior dos seres orgânicos.

No seu livro *A Metamorfose das Plantas*, Goethe traz a noção do estudo do todo em suas partes, pois se debruça sobre uma investigação do crescimento das plantas e percebe uma multiplicidade de espécies, infinitas em suas criações, trazendo em suas repetições um protótipo vegetal. Relata um longo processo disciplinado de observação imaginativa na qual ele havia alcançado a percepção, ou a "visão", como ele mesmo conta, de uma planta arquetípica, original, primordial (em alemão *Urpflanze*) e que, dessa, todas as plantas se desenvolveriam, contendo um conceito que poderia ser configurado em diversas formas, desde que se conhecesse sua essência (Steiner, 1883/2000).

Vale lembrar que na época de Goethe, os tratados evolucionistas estavam ganhando força, de modo que a separação e ordenação dos objetos era o foco que levaria a um entendimento e à verdade. Portanto, é de se imaginar que os holofotes estavam em Haeckel, Darwin e em Lineu. Para Steiner (2006), em sua autobiografia (pp. 102-103), essas eram visões materialistas de mundo, eram unilaterais e deveriam ser ampliadas pela maneira goethiana de se pensar.

5.2 Relação afetiva-cognitiva Steiner-Goethe – uma busca de consistência

Para Simão (2010) ao citar Boesch (1991) sobre a noção de busca de consistência nas ações simbólicas de um sujeito e como isto implicaria num desafio para o mesmo, o sujeito, ao perceber transformações no mundo e em si mesmo ao mesmo tempo, procura manter uma autoestrutura para continuar agindo em seu campo cultural. Assim, vimos em Steiner uma identificação com os escritos de Goethe e podemos analisá-la como uma relação afetivo-cognitiva. Esta relação permitiu a Steiner desenvolver um sentimento de empatia e coerência com sua forma de pensar e entre aquilo que ele apreendera de Goethe. Tal envolvimento pôde ter exercido significativa função formadora em sua identidade.

Steiner (1925/2006), em vários momentos da sua autobiografia *Minha vida*, relata que desde pequeno vivenciava dentro de si uma certeza: de que conhecia a realidade espiritual e a existência de mundos extrassensoriais. Um episódio (chamado por alguns tradutores brasileiros da obra de Steiner, de clarividência[29]), fora explicitado por ele ao ter uma visão de

[29] Nas obras consultadas em inglês usa-se o termo *seer*, vidente.

uma tia distante às vésperas de sua morte. Essa mulher lhe pedia ajuda e fez Steiner prometer que ajudaria as pessoas a compreender o mundo espiritual.

Em outro momento, já mais velho, Steiner narra ter acompanhado ao mundo espiritual o pai falecido de seus amigos, logo após seu falecimento.

Steiner se retrata como uma criança muito acanhada e nunca falava dessas experiências extrassensoriais com ninguém, por receio de ser mal compreendido e sofrer preconceito. Vivia em sua alma com seus "segredos" e era, desde cedo, uma criança muito curiosa a respeito dos fenômenos da vida. Ele conta vários episódios da infância que julgava misteriosos, como por exemplo, o da indústria de fiação (já mencionado no item 4.1.1) e outros em que ilustra a ânsia de querer desvendar tais acontecimentos, que muitas vezes o deixavam sem esclarecimentos.

Segundo Lachman (2007), Goethe defendia a ideia de que não havia conhecimentos que se revelariam fora do pensar humano, como os pensadores da época diziam. Acreditava que o conhecimento era revelado pelas coisas, pelos fenômenos em si, quando o mundo interno do ser humano, por meio de um profundo pensar, se encontrasse com a realidade externa.

Goethe relata uma experiência, segundo Lachman (2007), da visão imaginativa que teve após observar a catedral gótica de Strasbourg, em meados de 1770, e ter a clareza de que a catedral não estava terminada — fato depois confirmado, após observação das plantas originais da construção. Aquele, porém, não era um mero observar, mas sim uma ação muito mais contemplativa (consciente), que lhe permitiu a "revelação" de um "segredo". Esse assunto também foi explorado por Moura (2006), que analisou o significado artístico do estilo gótico como o que expressaria o mais natural, o que representaria o espírito do povo alemão, em contraste com o neoclássico — Goethe se referiu ao gótico como uma "beleza vibrante/viva" (*LebendigeSchönheit*). Portanto, há sinais de afeto e simpatia, em uma combinação com o elemento racional, pensante. Ambos proporcionaram uma visão da totalidade, como um "segredo". Novamente, destaco a noção de Boesch (1991) no qual se refere aos processos empáticos para a apreensão do significado e ao valor da empatia para a formação de identidade do sujeito. Ao entregar-se empaticamente à contemplação da catedral, vemos uma disposição em Goethe; que somente após esse movimento ou ação simbólica, no sentido de Boesch (1991), tornou-se possível a apreensão do todo.

Aqui existe um prenúncio daquilo que mais tarde Goethe viria a chamar de *planta primordial*, bem como do conceito de *tipo*, que também refletiria em Steiner quando fala sobre a capacidade intuitiva da alma humana.

Steiner diz, ainda nesse prefácio (Lachman, 2007), que conhecia muito bem a realidade espiritual independente dos sentidos ─ isto é , como ela opera de forma autônoma — e ele explica que, em todos os fenômenos do mundo sensorial, existe a manifestação do espiritual (ele conta que conhecia o caminho inverso, do espiritual para o sensorial). Steiner precisava fazer uma ponte, portanto, entre o mundo sensorial e o mundo do espírito, passando então a observar o mundo sensorial a caminho do espiritual não procurando ver os fenômenos como resultados atomísticos, mas o espiritual que se revela por meio desses (Steiner, 2004). Aqui Steiner se identifica fielmente a Goethe, uma vez que ambos rejeitavam a visão de mundo mecanicista e viam na natureza uma forma de "adorno, uma vestimenta, um vestuário vivo de Deus". Ela (a natureza) deveria ser entendida como um ser vivo, em um contínuo movimento de metamorfoses e transformações.

Mais tarde, ao fundamentar a antroposofia, Steiner cita seu método como sendo a manifestação daquilo que surgiu previamente do pensamento científica de Goethe (Steiner, 2006).

6 Articulações sobre o possível posicionamento histórico-cultural de Steiner no espaço psicológico

Partindo da afirmação de Bortoft (1996) de que para se aprofundar sobre determinado conhecimento científico é preciso que já exista a clareza da necessidade de se compreender o contexto cultural no qual cada epistemologia foi desenvolvida, minha intenção neste capítulo é retratar a historicidade na qual configurou o período de vida de Steiner selecionado para este texto: de 1861 a 1897. Deste modo, acredito que os fatores histórico-culturais por ele vividos, assim como os aspectos cognitivo-emocionais já relatados no capítulo 4 (juntamente aos aspectos que tanto o afetaram ao se envolver com a visão de Goethe, tratadas no capítulo 5), poderão trazer subsídios para uma melhor compreensão dos processos iniciais de criação de sua teoria e trazer possíveis elementos que possam posicionar sua participação (implícita ou direta) na formação do espaço psicológico.

Steiner foi criado em uma atmosfera multicultural e, embora se considerasse germânico, acreditava que a mistura de culturas em sua infância lhe permitiu observar um caminho do meio, entre o Oriente e o Ocidente.

Abordarei alguns aspectos de sua vida no que tange elementos histórico-culturais por ele vividas e, a seguir, tentarei dialogar com as proposições acerca da formação do espaço psicológico.

6.1Alguns aspectos autobiográficos no tocante à relação Steiner-cultura

Os aspectos culturais na vida de Rudolf Steiner merecem especial atenção, tamanha a diversidade de culturas com as quais ele conviveu desde criança, graças às frequentes transferências de seu pai, que era telégrafo de uma companhia ferroviária do sul da Áustria. Foram várias moradas. Ele nasceu em Kraljevec, fronteira húngaro-croata (hoje parte da Croácia), mas seus pais eram de uma região da Baixa Áustria. Logo no primeiro ano de vida, Steiner deixou Kraljevec e foi para Modling, nas proximidades de Viena, mas por pouco tempo. Depois de seis meses, a família se mudou para Pottschach (Baixa Áustria), onde ficaram até Rudolf Steiner completar oito anos de idade. Depois, moraram em Neudörfl, uma aldeia húngara. Com o ingresso de Steiner na academia politécnica de Viena, transferiram-se

para Inzersdorf, à beira do monte vienense, e seu pai, pôde trabalhar em uma pequena estação isolada da cidade. Já adulto, Steiner morou em Viena de 1882 a 1897, depois em Weimar e Berlim (na Alemanha) e, por último em Dornach, na Suíça.

A língua falada na infância era o dialeto alemão da Baixa Áustria oriental, o mesmo de seus pais. Embora as regiões por onde Steiner viveu sejam relativamente próximas geograficamente, a atmosfera cultural se constituía de forma diversa e repleta de tensões entre os povos austríacos, húngaros e alemães. A guerra turco-russa (1877-1878) aconteceu quando Steiner era jovem — ele escutava muitas conversas, opiniões partidárias e discussões em seu meio cultural. Como exemplo disso, conta em sua autobiografia que um colega de trabalho de seu pai, que visitava sua família com certa frequência, mostrava sempre seu ponto de vista, defendendo os turcos. O pai de Steiner, em contrapartida, era a favor dos russos, mais por uma gratidão em nome dos austríacos pela ajuda que a Rússia lhes fornecera na revolução de 1848. Além disso, expressava um sentimento de antipatia perante os húngaros, visto que trabalhava para as linhas húngaras de estrada de ferro na aldeia húngara de Neudörfl. Àqueles funcionários que almejassem um cargo de gerência, havia a exigência do idioma húngaro — que o pai de Steiner não dominava. Steiner considerava a condição desnecessária, afirmando que essa região era genuinamente alemã, portanto, bastaria o idioma alemão.

Assim, esses diálogos eram observados por Steiner, tanto pela passionalidade com que seu pai defendia suas ideias como pelos os desacordos das conversas (que, segundo ele, permaneceriam harmônicos e respeitosos, ainda que houvesse discordância). Steiner diz que, embora não tivesse interesse pelo assunto em si, observava a forma como aquelas discussões ocorriam; ao que tudo indica, a observação estava focada na maneira como esses dois homens defendiam suas ideias, na articulação e expressão das palavras.

Os comentários de Steiner sobre as discussões políticas travadas por seu pai e o colega de trabalho e a forma como se afetava por certas personalidades (como por exemplo o padre de Neudörfl, seus professores que eram também militantes políticos e colegas que, assim como ele, passavam por situações que eram marcadas pelas origens nacionais ou orientações políticas delineadas em suas respectivas histórias familiares) são aspectos que permearam sua construção pessoal-cultural e que podem ter influenciado suas decisões futuras no que se refere às atividades e participações de cunho político/social[30].

[30] Foram muitas as participações de Steiner em seu meio social/político as quais geraram polêmicas. Foge do escopo deste trabalho expor tais eventos, principalmente por não pertencer ao período de vida analisado aqui. Entretanto, dediquei-me também ao estudo desse período polêmico na vida de Steiner, executando uma ampla

Na escola, o foco era a história húngara; o ensino da literatura e história germânica ficava a cargo de outros mestres (não nos primeiros anos escolares, mas posteriormente). Steiner conta que o seu professor Schröer causava incômodo na época da universidade por dar ênfase à literatura alemã e ser um estudioso da cultura dos imigrantes alemães na Hungria. Ou seja, ele tratava de um assunto não muito bem aceito ou fácil de ser digerido nos círculos austro-húngaros.

Steiner conta (1925/2006) que, quando estudava na politécnica em Viena (entre 1882 e 1886), participou do Grêmio Literário Alemão como bibliotecário e, posteriormente, presidente. Frequentava reuniões onde eram discutidos aspectos políticos e culturais da vida pública da Áustria. Observava com certa curiosidade a forma bastante fervorosa com a qual o grupo travava embates por opiniões tão diversas. Steiner relata que os partidos nacionalistas, cada vez mais, ganhavam forma naquele momento. "Tudo o que mais tarde levou ao desfalecimento do Império na Áustria, revelando suas consequências após a guerra mundial, podia ser presenciado em seus germes" (Steiner, 1925/2006, p.80). Como presidente do grêmio, deixa claro suas dificuldades ao se deparar com partidos diferentes, que o pressionavam na tentativa de convencê-lo sobre seus ideais. A simpatia, que de início fizera Steiner ser eleito por todos os partidos, depois se transformou em oposição — segundo Steiner, em consequência da sua postura imparcial, sem dar razão a partido algum.

Em 1888, pouco da participação no grêmio, Steiner (1925/2006) foi redator do *Semanário Alemão*, jornal de interesses nacionais para o povo alemão, em uma época em que os austríacos travavam conflitos violentos. Desta forma, não lhe era nada fácil escrever sobre acontecimentos públicos, mesmo não focando em questões políticas. Assim, diz: "Interessava-me a evolução da cultura no avanço da humanidade — e eu tinha que defender isso sem que meus artigos parecessem obra de um 'idealista alienado' do mundo" (Steiner 1925/2006, p. 125). Mais uma vez, Steiner enfrentava uma situação antagônica, na qual procurava manter a imparcialidade e, ao mesmo tempo, ser reflexivo e consciente do momento conflituoso que vivia.

O período histórico no qual nasceu Rudolf Steiner, no final do século XIX, foi marcado pelo prenúncio da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). No momento da eclosão do conflito, Steiner estava com 53 anos de idade. Além do tempo, ele também viveu no espaço geográfico de alguns territórios ou nações que participaram da guerra — era, portanto, era uma fase carregada de tensões, ainda mais alarmantes quando a guerra de fato se iniciou.

---

coleta de informações que vão desde sua atuação na Sociedade Teosófica na Alemanha até alegações de racismo em sua teoria.

Nota-se em seus relatos autobiográficos que, na infância e juventude, ele já vivia em uma atmosfera tensa que precedia a batalha.

Podemos compreender as interações de Steiner com outras pessoas como um compartilhamento de certas normas de convivências às quais ele procurava se integrar (escola, família). Ao mesmo tempo, podemos notar que ele era bem ativo nas escolhas que fazia, tanto das pessoas e grupos com os quais convivia como de determinadas perspectivas ou visões de mundo — basta retomarmos o exemplo de suas convicções teóricas, seus questionamentos ou mesmo a seletividade com a qual escolhia as pessoas do seu convívio ou com as quais passava horas conversando. Nesse contexto, ocorre o que Valsiner (1998) define como a construção cultural-pessoal sendo desenvolvida através de direcionamentos da cultura-coletiva[31]. Essa relação é bidirecional, ora semipermanente ora transitória, à medida que é dinâmica e circunscrita pelo sujeito ativo.

A afinidade de Steiner para com as rotinas paroquiais, o seu envolvimento e prazer ao realizar as tarefas mostram sua identificação com a figura do padre e do professor. Parece que Steiner gozava de certa liberdade para escolher frequentar ou não a vida religiosa. Seus pais não o incentivavam, mas também não o proibiam. Entendo essa interação, Steiner-religiosidade-professor-padre como algo genuinamente afetivo-emocional, mas que guiou sua formação cognitiva; estes processos não ocorreram separados.

Na juventude, sua participação na vida estudantil teve destaque ao assumir a direção do grêmio, por terem enxergado na personalidade de Steiner uma possibilidade de aderência a ideais político/educacionais. Entretanto, ele não satisfez as expectativas do grupo que o elegera. Talvez ele mesmo não soubesse quais eram exatamente suas ações naquele campo cultural. Em Boesch (1991), encontra-se a ideia de que nem sempre há consciência sobre as oportunidades e limites para a ação. Pode ser que, neste caso, para Steiner, somente o viver e o "experienciar" determinada situação trouxessem a decisão de continuar, tomar um partido ou mesmo não ser eleito, por não se envolver politicamente (como foi o caso).

Tanto nesse exemplo do grêmio estudantil como no do *Semanário Alemão*, percebo, conforme discutido por Valsiner (1998), tensões intersubjetivas e intrassubjetivas, conflitos e inquietações tanto do sujeito com ele mesmo como dele com as pessoas envolvidas. Essas tensões são necessárias para a construção do mundo cultural-pessoal e consequentemente, permitem a continuidade e mudança na relação sujeito-cultura. A teoria da ação simbólica de Boesch (1991) também compartilha da noção de bidirecionalidade entre sujeito-cultura,

[31] Entende-se por cultura-coletiva significados que são compartilhados; normas sociais e práticas da vida cotidiana heterogenicamente complexas (Valsiner,1998).

afirmando que o sujeito age em um campo cultural, constrói sua história e tais ações à medida que são vinculadas a uma meta, alterando os “estados futuros” do indivíduo e da sua cultura.

A seletividade das ações de Steiner, de acordo com suas percepções (muito mais subjetivas do que sensoriais), implicaram em uma prévia afetividade dele em relação às metas que se propôs. Quanto à noção do afeto, ela está narrada especialmente no capítulo 4 do presente trabalho, conforme proponho que os aspectos emocionais de Steiner guiaram os seus aspectos cognitivo-racionais. Podemos pensar, portanto, que, embora o sujeito busque justificar suas escolhas racionalmente, este processo é de natureza subjetiva-emocional — e, no sentido de Boesch (1991), as emoções regulariam as próprias justificativas para as ações (Simão, 2010).

6.2 Steiner, na formação do espaço psicológico

No início desta pesquisa, fiz uma análise dos aspectos históricos e culturais imbricados na formação do espaço psicológico, segundo Figueiredo (2007). Pouco a pouco, o sujeito Steiner foi aparecendo, com toda sua trajetória, da qual destaquei as experiências chamadas de cognitiva-emocionais. Muitos outros — ilustrados como pessoas, locais, assuntos (temáticas estudadas por ele) — fizeram parte desse recorte (período de 1861 a 1897) para minha tentativa de compreensão de qual seria, enfim, o espaço ocupado por Steiner no que tange o surgimento do fazer psicologia.

Para iniciar esse diálogo, situo Steiner como contemporâneo a vários pensadores relevantes ao pensamento filosófico — e consequentemente ao psicológico — do final do século XIX e início do XX. No que toca à psicologia experimental, por exemplo, vemos que ele viveu em uma época na qual se iniciaram as pesquisas nessa área — Wilhelm Wundt (1832-1920) foi o fundador do primeiro laboratório de psicologia experimental, em 1879; portanto, contemporâneo de Steiner.

Podemos citar inúmeros pensadores que, além viver o período, ocuparam o mesmo território histórico-cultural de Steiner, nos seguintes países europeus: Alemanha, Áustria, França, Hungria e Inglaterra, dentre outros. Cabe, por ora, mencionar que Steiner estudou na politécnica de Viena a partir de 1880 e teve aulas com Robert Zimmermann — seguidor de John F. Herbart, precursor da psicologia experimental aplicada à pedagogia — e com Franz

Brentano — que também fora professor de pensadores como Edmund Husserl, Christian von Ehrenfels e Sigmund Freud.

Ao meu ver, podemos situar os pensamentos precursores de Steiner caminhando entre os polos do liberalismo e do romantismo (conforme o modelo proposto por Figueiredo). Este caminhar não foi linear de um polo ao outro, mas ocorreu entre idas e vindas, às vezes concomitante, à medida que Steiner selecionava seus encontros com o(s) outro(s)-mundo(s).

A ligação extremamente empática de Steiner com o pensamento de Goethe nos levaria a primeiramente vinculá-lo às vertentes do romantismo, como muitas vezes é referido. Mas, ao debruçarmos em suas vivências cognitivas e afetivas, vimos que aquilo que se aproxima do liberalimo (conforme exposto no capítulo 3) está bastante presente em sua obra; reflexões sobre a liberdade humana que podem ser vistas como um projeto de autonomia para o homem e seu bem-estar, por meio da valorização da individualidade. Aqui, conforme articula Figueiredo (2007), são geradas as noções de projeto individual de vida, em sua vida. Se olharmos para S. Mill, aquele que fora escolhido para delimitar o espaço liberal, vemos que mesmo ele não era exclusivamente liberal. Figueiredo o chama de liberal romântico.

Assim também eu arriscaria a situar Steiner como um caminhante entre as correntes assim chamadas liberais e românticas. Melhor ainda, segundo Wenceslau (2011), localizaria Steiner entre três tradições filosóficas: o idealismo alemão (ele aprofundara-se nos estudos de Fichte, Schelling e Hegel); o cientificismo empírico (tão familiar ao polo liberal e iluminista) e o romantismo.

Steiner (1926/2006) chama sua abordagem filosófica de *idealismo objetivo*; portanto, podemos concluir que estavam vigentes, em sua forma de construir sua epistemologia, aspectos do idealismo alemão, principalmente quando se referia à possibilidade de o homem chegar à verdade sobre si mesmo por meio de um processo reflexivo individual, envolvendo o seu pensar. Este pensar, porém, não era algo inatingível, sobre o qual não teríamos a capacidade de introspecção, como falavam os filósofos seguidores de Kant. Steiner via o pensar muito mais como um ato contemplativo e capaz de traduzir o mundo subjetivo, organizando e revelando a dimensão espiritual que continha no mundo sensorial. O pensamento era para ele uma realidade objetiva.

Esta noção sobre o pensar, em Steiner, estava profundamente enraizada naquilo que extraíra de Goethe, que propõe a noção de que Deus é ideia contida no mundo e expressaria sua manifestação nas coisas. A essência é vista dentro da natureza.

Como já mencionado, o mundo orgânico não poderia, para Goethe, ser explicado com os mesmos métodos utilizados para se compreender o mundo inorgânico. Nesse último, o conceito e o fenômeno fazem parte de uma unidade. Já no orgânico, o objeto não é explicado por si; seu conceito estaria de fora dele, não proveniente do mundo físico-sensório. Marques (2012), ao explicar como se daria o processo de construção do conhecimento em Goethe, diz que tal elaboração envolveria o *observar, o intelectualizar e o idear.* Ao observar um objeto, o sujeito formaria dentro de si a imagem do próprio objeto, mediante a alma ou psique, para uma elaboração afetivo-cognitiva. Ou, como Marques (2012, p.38) diz, "intelectualização goethiana" do fenômeno. Somente a partir daí se tornaria possível a ideia, que ilumina a imagem intelectualizada do objeto. "Nasce, brota de dentro do pensar a *ideia* como *intuição"* (Marques, 2012 p.38). Surge então o termo *juízo contemplativo* (ainda nos referindo à Goethe). Steiner posteriormente renomeia esse conceito como *conhecimento intuitivo*: a ação de observar o fenômeno em si, pela forma que se apresenta aos sentidos do observador. A partir daí, surgiria o idear, a formação mental do conceito; assim sua realidade imaterial se manifestaria na razão humana.

Na visão de Goethe, ainda segundo Marques (2012), a dedução *mediada* seria o caminho científico, "uma experiência de ordem superior" necessária para alcançar o estágio intuitivo, e abrangeria os passos da *observação* do fenômeno, d*o intelectualizar* e da *elaboração da ideia*.

O objetivo seria construir interligações do intelecto (qualidades da alma, ou psique) com a ideia (intuitivo, a qualidade do espírito). Tudo isso para que o mundo pudesse ser revelado de forma plena e verdadeira.

Sobre o carácter romântico de Steiner, é nítido durante toda a sua obra — e aqui nesta pesquisa vimos que, principalmente nos primeiros anos de infância, havia uma devoção à natureza — um desejo de sacramentar a vida, a natureza. Além disso, a tentativa de edificar uma nova fé, que substituísse a religião tradicional através de uma reestruturação do homem (visto sua identificação com a obra de Fichte[32]), é apenas um exemplo daquilo tão vigente no romantismo. A identificação de Steiner com poetas como Schiller, Novalis e Goethe também denota uma característica romântica, pois é sabido que para os românticos, a figura do poeta era como a de um sacerdote para a sociedade.

Steiner (1883/1984 p.20) diz que o que aproximou Goethe do estudo das plantas foi o mesmo motivo de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), o "motivo humano em geral", não

[32] Ver páginas 52 e 53, sobre as leituras que Steiner fazia das obras de Fichte, e como essas obras refletiram como um modelo a ser seguido.

uma demanda cientifica prévia qualquer. Goethe parece ter sido influenciado pelos escritos em botânica de Rousseau, pela forma lúdica, despretensiosa e "graciosa" com a qual escrevera algumas cartas sobre botânica. Tal influência ou identificação com Rousseau pode ser vista na seguinte citação de Goethe ao ler Rousseau (citado por Steiner, 1883/1984): "a natureza como que está brincando, produzindo, enquanto brinca, a vida cheia de variações". Vale colocar aqui o caráter polêmico e incompreendido que, segundo Salinas Fortes (1987), Rousseau registrou em sua época, por pertencer ao mesmo tempo aos círculos iluministas e adotar condutas de um filósofo cristão. Com seu romance, *A nova Heloísa* ele exerceria grande influência na literatura alemã e parece ser o grande percussor do que viria a ser o romantismo (Salinas Fortes, 1987). "Goethe era um fanático admirador de Rousseau...." (p.71) e teria se expressado da seguinte forma, ao dar sua opinião a respeito das supostas diferenças entre Voltaire e Rousseau: "Com Voltaire um mundo acaba; com Rousseau um mundo começa" (Salinas Fortes, 1987, p.71).

Aqui faço uma comparação entre a conclusão colocada por Steiner — de que a razão pela qual Goethe se dirigiu aos estudos da natureza foi a mesma de Rousseau, isto é, o motivo humano: "da planta por causa dela, sem princípios utilitários ou anseios científicos" (p.20) — e aquilo que o homem deveria buscar, por meio da antroposofia. Em uma das últimas palestras dadas por Steiner (1924b), no final de sua vida, ele elabora um guia do pensamento antroposófico em 185 pequenos parágrafos ou pensamentos diretivos. Logo no primeiro, como cito abaixo, faz uma breve definição de antroposofia:

> A Antroposofia é um caminho para o conhecimento espiritual que conduz aquilo de espiritual do ser humano ao espiritual do universo. Surge no ser humano como uma necessidade vinda do coração, da vida do sentimento, e pode ser justificada somente o quanto possa satisfazer essa necessidade interna. O homem por si mesmo poderá aceitar a Antroposofia, se nela encontrar aquilo que em sua própria vida interior, sentir-se motivado a buscar. Portanto, somente podem ser antropósofos as pessoas que sentem suas perguntas sobre a essência do ser humano e do universo como uma necessidade de vida, assim como se sente fome e sede. (Steiner,1924b). [minha tradução]

Essa necessidade *vinda do coração* à qual ele se refere, não seria o motivo humano, que fizera Rousseau e Goethe contemplarem a natureza? Um motivo que não estaria vinculado às ambições, cobiças; seria apenas o desejo inerente, puro de se compreender a planta por ela mesma ou, no caso de Steiner, o homem por ele mesmo.

A alusão à noção de busca desinteressada e sem anseios científicos pode nos conduzir também ao que posteriormente Steiner deixaria claro: sua rejeição ao egoísmo e à vaidade humana em busca do saber. Ele desenvolve em sua teoria a premissa básica de que todo e qualquer conhecimento deveria ser em prol do ser humano e do desenvolvimento da humanidade.

No capítulo 3 desta pesquisa, inicio a discussão com a proposta de que os pensamentos de Steiner percorreram caminhos nos quais a psicologia também se construiu. A Figura 4 (p.34) representa essa suposição. Agora, caminhando para o fim do trabalho, exponho, na Figura 5 (abaixo), que os pensamentos de Steiner, principalmente no período abordado nesta pesquisa, estariam, na minha compreensão, dentro do espaço psicológico; porém, mais próximos dos ideais românticos e liberais. Vejamos então a ilustração:

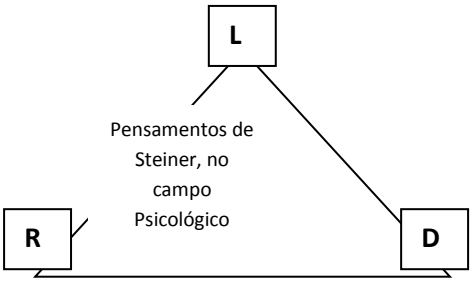

Figura 5. Pensamentos de Steiner no campo psicológico

Como podemos observar, os pensamentos de Steiner (aqueles referentes ao período de sua vida selecionado para esta pesquisa) estão mais próximos dos ideais liberais e românticos. Usando a proposta de Figueiredo (2007), poderia, portanto, chamar Steiner de um liberal romântico, assim como ele, Figueiredo (2007), se refere a S. Mill.

Entretanto, observo que os pensamentos ou ideias de Steiner não estariam totalmente isolados dos preceitos utilitaristas ou disciplinares herdados de Bentham. Digo isso pela sua própria experiência em instituições disciplinares, como escolas e universidades, fundadas em grande parte pelo utilitarismo. Ele cresceu sendo educado, em parte, também nesse ambiente. Além disso, o método de ensino Waldorf, criado por ele, mesmo adotando em seu currículo medidores bem diferentes dos usados nas escolas tradicionais, adota uma base ordenadora curricular, assim como critérios para avaliação dos alunos. As escolas Waldorf também

devem atender ao sistema geral educacional vigente, que determina o que deve ser o conhecimento básico necessário no ambiente escolar.

Vemos aqui uma personalidade que não se apartara totalmente do mundo utilitarista. A própria continuidade acadêmica (ele fez doutorado em Rostock, na Alemanha) foi, a meu ver, uma necessidade de pertencer ao mundo acadêmico que, de certo modo, atendia os moldes institucionais vigentes na época.

7 Considerações finais — direcionamento futuro

A relevância de Goethe na atualidade: sugestões para um aprofundamento futuro

Alguns autores focam, hoje, no modo como Goethe abordou o conhecimento. Faço, neste último capítulo, uma indicação de um possível retorno a Goethe no que diz respeito à busca de uma nova visão de mundo, que veem norteando alguns cientistas contemporâneos[33], como Werner Heisenberg (1901-1976) e Carl Weizäcker (1912-2007), ambos físicos. Posso, dessa maneira, sugerir que, embora o interesse de Steiner por Goethe tenha ocorrido no final do século XIX, o goetheanismo ainda pode ser objeto de estudo para algumas correntes literárias e científicas atuais, como, recentemente[34], o trabalho de Henri Bortoft (1938-2012) e Arthur Zajonc (1949-). Magali Moura, em seu livro *Aspectos da época de Goethe*, aponta que, ao resgatar o estudo da natureza em Goethe, pode-se chegar ao conhecimento do mundo humano. Assim, não apenas ofereceria uma alternativa ao modelo de natureza já existente, mas traria também o próprio conceito de ser humano. Segundo Moura (2006), Goethe debruçava-se de forma devocional em relação à natureza e acreditava nela encontrar os princípios de criação divina para entender o homem.

A temática referente ao entendimento do homem, também é o nuclear para psicologia, portanto, existem algumas perspectivas em psicologia (relacionadas à psicologia cultural) que estão, na atualidade, direcionando seus olhares para a visão goetheana,

Segundo Cornejo (2015), um aspecto que foi deixado de lado pela psicologia de orientação positivista (e que está sendo retomado como sendo de grande importância ao desenvolvimento humano) é o da fantasia: é sobre este aspecto que ele se debruça em sua conferência de abertura do ano acadêmico do Niels Bohr Center for Cultural Psychology, da Universidade de Aalborg, na Dinamarca. Sob o título “From Fantasy to Imagination: A Cultural History and Moral for Psychology“, Cornejo (2015) retoma um período anterior ao estabelecimento da psicologia científica, expondo a concepção de alma segundo Goethe, que englobaria quatros faculdades: fantasia (*Einbildungskraft*), sensualidade (*Sinnlichkeit*), racionalidade (*Vernunft*) e intelecto (*Verstand*). Esse modelo de Goethe, segundo Cornejo (2015), seria uma tentativa de integrar o conhecimento da intuição por meio da *fantasia* e da

---

[33] Moura (2006) menciona os físicos W.Heisenberg e C. Weizäcker como comentadores e perpetuadores de Goethe na contemporaneidade.

[34] Henri Bortoft, pesquisador Inglês nas áreas da física e filosofia da ciência. Realizou uma interpretação da ciência goethiana para a problemática da completude (wholeness), introduzida pela teoria quântica. Arthur Zajonc, professor emérito de física do Amherst College em Massachussets, dedicou parte de seus estudos ao método científico de Goethe.

sensualidade[35], mesmo mantendo as capacidades racionais dos seres humanos. Goethe propôs que o homem desenvolvesse sua alma de modo a abranger seu todo, isto é, integrando todas as características do caráter humano. Nota-se em Goethe, portanto, a valorização da intuição como uma faculdade essencial para o processo criativo — tema que, desde a Idade Média, foi visto como a resposta para compreender a singularidade humana.

O conceito *fantasia*, ao longo da história da psicologia, foi um termo transmutado em *imaginação*, isto é, "um processo intelectual de representação e operação sobre os objetos irreais diante da mente" (Cornejo, 2015, p.2) e, portanto, perdeu sua conexão com a estética e com os sentimentos mais vitais. Goethe via a fantasia como uma faculdade para sentir plenamente o mundo. A clareza do pensamento, para Goethe, viria da nossa percepção intuitiva sobre um fenômeno e não do sacrifício de um processo lógico ascendente (Cornejo, 2015). No pensamento moderno a partir do século XIX, vê-se uma predominância das faculdades da racionalidade e do intelecto sobre as da fantasia e da sensualidade. Aqui entra a crítica de Goethe à comunidade científica de sua época, cujo modo unilateral (com foco apenas na razão e no intelecto) empobreceria a ciência como um todo, segundo ele.

É essa percepção da totalidade à qual Goethe se refere que faz com que ele seja retomado como herdeiro da velha tradição do holismo e, deste modo, também como um dos precursores da psicologia cultural (Cornejo, 2015).

Assim, poderia pensar, para desdobramentos futuros de pesquisa, em aprofundar os aspectos da segunda escola de Leipzig, por se tratar de uma perspectiva que aborda os sentimentos como a totalidade da experiência humana e que se configuram no holismo em psicologia.

Na psicologia cultural de Valsiner e Boesch, assim como no construtivismo semiótico-cultural, há uma ênfase na retomada da Ganzheitspsychologie — ou holismo em psicologia (oriunda da segunda escola de Leipzig) — e isto traria um terreno de possíveis diálogos entre semelhanças com a proposta de Goethe-Steiner. Segundo Diriwächter (2008), foi Christian von Ehrenfels (1859-1932), discípulo de Fraz Brentano, que introduziu os passos necessários ao holismo no campo da ciência, citando também Goethe como um notável precursor do holismo.

Sobre o holismo, a visão de Henri Bortolf, em seu livro *The Wholoness of Nature*, traz uma interpretação goethiana da problemática da totalidade. Essa seria uma perspectiva

[35] A palavra fantasia no alemão *Einbildungskraft*, traduzida como imaginação, aponta para um sentido de capacidade (energia) para imaginar. Sensualidade, *Sinnlichkeit*, traduzida para o português como sensualidade e também como sensitivo, sensorial. (no texto de Cornejo, em inglês, é usado o termo *sensuality* — sensualidade — na maioria das vezes, mas também *sensousness* — percepção pelos sentidos).

interessante para aprofundar o conceito do holismo em psicologia, principalmente ao trazer a noção de Goethe *de que o particular, contém algo que se manifesta sob certa generalidade.*

Essas reflexões ampliariam o meu entendimento das matrizes compreensivas em psicologia, mais especificamente aquelas de inspiração romântica e pós-romântica, que envolvem desde o aspecto subjetivista do pensamento iluminista (idealismo alemão) até o historicismo ideográfico. Este é, portanto, o lugar que ocupo como psicóloga, assim como um lugar temporariamente considerado o mais aberto para discutir o pensamento de Steiner.

Referências

Boesch, E. E. (1991). *Symbolic Action Theory and Cultural Psychology*. Berlin, Alemanha: Springer-Verlag.

Baerveldt, C., & Verheggen, T. (2012). Enactivism. In Jaan Valsiner (Ed.), *Oxford Handbook of Culture and Psychology* (chap. 8).Oxford: Oxford UniversityPress.

Bortoft, H. (1996). The *wholeness of nature-Goethe´s way toward a science of conscious participation in Nature.* Aurora, Colorado: Lindsfarne Books.

Buxton, Claude E. (1985). Of history, and nature of this book In Claude E. Buxton (Ed.), *Points of view in the modern history of Psychology* (chap.1). Orlando: Acedemic Press.

Cavalcanti, C. (n.d). *Os sofrimentos do jovem Werther: fervor e isolamento.* (EntreClássicos Goethe Vol.5, pp.54-61.). São Paulo: Ediouro Duetto.

Cornejo, C. (2015). *From Fantasy to Imagination: A Cultural History and Moral for Psychology* (Third annual Niels Bohr Lecture, Center for Cultural Psychology, Aalborg University, Denmark). Recuperado de http://www.ccp.aau.dk/activities/activity/niels-bohr-lecture--from-fantasy-to-imagination-by-carlos-cornejo.cid139895

Diriwachter, R. (2012). Volkerpsychologie.In JannValiner (Ed.), *Oxford Handbook of Culture and Psychology* (chap. 8).Oxford: Oxford University Press.

Figueiredo, L.C.M (2004). *Revisitando as Psicologias: Da epistemologia à ética das praticas e discursos psicológicos* (3ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Figueiredo, L.C.M. (2007). *A Invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900)* (7ª ed.). São Paulo: Escuta.

Figueiredo, L.C.M & Ribeiro de Santi, P.L. (2011). *Psicologia: Uma (nova) introdução.* São Paulo: EDUC.

Figueiredo, L.C.M (2012). *Matrizes do pensamento psicológico.* (17ª ed.) Petropolis, RJ: Vozes.

Goodwin, C. James (2005). *História da Psicologia Moderna*. (2ª ed.) (Marta Rosas trad.) São Paulo: Cultrix.

Kestler, I.,& Moura, M. (2011). *Aspectos da época de Goethe*. Rio de Janeiro: H.P. Comunicação Editora.

Lanz, R. (1983). *Noções básicas de Antroposofia.*São Paulo: Antroposófica.

Lanz, R. (1995). *Passeios através da historia à luz da Antroposofia* (2ª ed.). São Paulo: Antroposofica.

Lachman, G. (2007). *Rudolf Steiner: an introduction to his life and work.*New York: TarcherPenguin.

Lievegoed, B. (2002). *Desvendando o crescimento: as fases evolutivas da infância e da adolescência.* (3ª. ed.) Sâo Paulo: Antroposófica.

Marková, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente.* Petrópolis, RJ: Vozes.

Marques, A.J. (2012). *Goethe, ensaios científicos. Uma metodologia para o estudo da natureza* (J. Cardoso, trad.). São Paulo: Ad Verbum Editorial e Barany Editora.

Morange, M. (2005). What is Life? A new look at an old question. Hajek, Petr Valdes-Villanueva, Luis Westerstahl, Dag. (Eds.) *Logic, Methodology and Philosophy of Science* (pp.431-440). King's College Publications.

Moura, M. (2006). *A Poesis Orgânica de Goethe: a construção de um diálogo entre Arte e Ciência.* (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Rennó, M.A.B. (1998). *Cantoterapia e asma: vivência de um método terapêutico.* (Tese de Doutorado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Salinas Fortes, L.R. (1987). O *Iluminismo e os reis filósofos.* (5ª ed.) São Paulo: Brasiliense.

Salvatore, S. & Valsiner, J. (2008). *Idiographic Science on its Way: Towards Making Sense of Psychology.* In S. Salvatore, J. Valsiner, S. Strout, & J. Clegg (Eds.), YIS: Yearbook of Idiographic Science 2008-Volume 1 (pp.9-19).

Sapienza, B. T. (2004). *Conversa sobre terapia.*São Paulo: Paulus.

Simão, L.M. (1998). Cultura como campo de ação: uma introdução à teoria da ação simbólica de Ernst Boesch. *Cadernos de Psicologia, 4*(1), pp. 57-66.

Simão, L. M. (2004a). Semiose e diálogo: para onde aponta o construtivismo semiótico cultural? In M. T. C. C. de Souza (Org.), *Os sentidos de construção: o si mesmo e o mundo* (pp.13-24). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Simão, L. M (2004b). Alteridade no diálogo e construção de conhecimento. In L.M. Simão e A. M. Martinez (Orgs.) *O Outro no Desenvolvimento Humano – Diálogos para a pesquisa e a prática profissional em Psicologia* (pp.29-39*).*São Paulo: Pioneira Thompson Learning.

Simão, L.M (2009). *A dialogue at stake: an essay on the path to an Idiographic Psychology.* Forum sobre a linguagem na ciência Idiográfica, em 4-6 de junho de 2009, Lecce, Itália. (não publicado).

Simão, L.M. (2010). *Ensaios dialógicos: compartilhamento e diferença nas relações eu-outro.* São Paulo: Hucitec.

Steiner, R. (2004). *O método cognitivo de Goethe: linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goethiana*(B.Calegaro e J.Cardoso, trads.), (2ª ed.). São Paulo: Antroposófica. (Trabalho original publicado em 1886)

Steiner, R. (1984). *A obra científica de Goethe* (ed. trad., J. Cardoso, rev.). São Paulo: Antroposófica. (Trabalho original publicado em 1883)

Steiner, R. (2000). *Nature's open secret: Introductions to Goethe's scientific writings.*Great Barrington, MA: Anthroposophic Press. (Trabalho original publicado em 1883)

Steiner, R. (2008). *Goethe´s Theory of Knowledge: an outline of the epistemology of his worldview.*GreatBarrington, MA:Anthroposophic Press. (Trabalho original publicado em 1886)

Steiner, R. (2008). *O Desenvolvimento saudável do ser humano.* (J. Cardoso, R. Schalldach e R. Wiedemann, trads.). São Paulo: FEWB. (Trabalho original publicado em 1921)

Steiner, R. (1924a). *Anthroposophy, an introduction: Lecture I – Anthroposophy as what men long for today* (Rudolf Steiner Archives GA 234) Recuperado de http://www.rsarchive.org/Lectures/GA/index.php?ga=GA0234

Steiner, R. (1924b). *Anthroposophycal leading thoughts: Anthroposophy as a path of knowledge* (Rudolf Steiner Archives GA 26) Recuperado de http://wn.rsarchive.org/GA/GA0026/English/RSP1973/GA026_index.html

Steiner, R. (2006). *Minha vida: a narrativa autobiográfica do fundador da Antroposofia* (B. Calegaro, J. Cardoso & R. Lanz, trads.) São Paulo: Antroposófica. (Trabalho original publicado em 1925)

Steiner, R. (2002). *Teosofia: introdução ao conhecimento suprassensivel do mundo e do destino humano* (D. Brilhante de Brito, trad.(6ª ed.). São Paulo: Antroposófica. (Trabalho original publicado em 1904)

Saine, T.P. (2002). The world Goethe lived in: Germany and Europe, 1750-1830. In L. Sharpe (Ed.), *The Cambridge Companion.* Cambridge: Cambridge University Press.

Seamon, D. & Zajonc, A. (1998).*Goethe´s way of science: a phenomenology of Nature.* New York: State University of New York Press.

Valsiner, J. (1998).*The guided mind: A sociogenetic approach to personality.*Cambridge, MA: Harvard University Press.

Valsiner, J. (2006). O espírito do afeto no corpo da racionalidade psicológica. In M. T. C. C. de Souza & V. S. R. Bussab, *Razão e emoção: diálogos em construção* (pp. 13-23). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da psicologia cultural: fundamentos da mente, mundos da vida*. Porto Alegre: Artmed.

Vigotski, L.S. (2010). *A construção do pensamento e linguagem.* (2ª ed.).São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1934)

Wencesleau, L.D. (2011). *Por uma medicina que eduque, por uma pedagogia que cure: as contribuições de Rudolf Steiner à integralidade na educação médica.* (Dissertação de mestrado) Universidade de Pernambuco, Brasil.

Wertsch, J. V. (1993). *Voices of mind: a sociocultural approach to mediated action.* Cambridge, MA: Harvard University Press.